

MITOS DA ARTE

MITOS DA ARTE

francisco capelo

ÍNDICE

. Dedicatória; Apresentação; Copyrights e
Outros livros

I. **PRÉconceitos** :

Não sei desenhar! (pág. 1) / Técnica = Artista (7)
/ 5 Medos (18) / Lápis Não! (28) / Quanto vale a
minha arte? (36)

II. **ARTigos** :

A arte Adamastor (45) / Duas almas (50) /
Super- homens (54) / Poluição visual (64) /
Cifrão (73) / Ganância (80) / Lobbies (87) /
Verdade e mentira (90) / Estilos de artistas (99)
/ Leiloeiro na ratoeira (104) / Génio ausente
(110) / Modas (115) / Filhos e enteados (124) /
Crime e castigo (130) / É banal (134)

III. **Cita(c)ções** :

. Artistas em discurso directo (139)

. Sobre arte (184)

(Arte Abstracta; Arte Bruta; Arte Conceptual;
Arte Figurativa; Cubismo; Dadaísmo;
Expressionismo; Expressionismo Abstracto;
Fauvismo; Fluxus; Futurismo; Grupo COBRA;
Impressionismo; Informalismo; Pop Art;
Simbolismo; Suprematismo; Surrealismo)

DEDICATÓRIA

Para duas pessoas especiais; duas professoras inspiradoras:

- . Leonor Pepe (História da Artes Visuais)
- . Georgina Valente (Português)



. Licenciado em Sociologia e Formador de Arte .

"Francisco Capelo transmuta (exorciza?) na sua arte ideias, experiências e afectos (pré-formados e pré-nomeados) que atravessam a profundidade para obterem a luz possível e procurarem a comunicação e o outro (...) Numa era de vertigem superficial, de um discurso da existência leve e consumista, Francisco Capelo lembra-nos coisas que tentámos esquecer, ou que nunca nos lembrámos que tínhamos dentro de nós. Afinal, é esse o seu risco, é esse o seu desafio, é essa a sua virtude."

Dr. Rui Rocha Martins

COPYRIGHTS

Este livro de artigos é da inteira autoria de Francisco Capelo. Qualquer uso de partes do mesmo terá de ser autorizada pelo autor.

OUTROS LIVROS

- . Ser o Ser (Poesia)
- . Porque o Ocidente não é o melhor (Sociologia)
- . Cachimbos da Linguagem (Linguística)
- . BD para depressivos e outros pensadores (Banda desenhada)
- . Xamã (Romance)

1.

PRÉconceitos

NÃO SEI DESENHAR!!

Este é um dos grandes mitos do artista iniciante:

"- Eu não sei desenhar, portanto nunca serei um artista". Ora, o que normalmente se quer dizer é que não se tem facilidade em copiar as linhas da realidade. E isto não é não "saber desenhar"; é antes não saber desenhar na óptica do realismo. Está-se portanto a confundir a técnica do desenho figurativo com o estilo próprio, pessoal, de desenho.

Ou seja, neste tipo de arte o espectador dá por si a considerar que o artista tem qualidade se a sua representação seguir os princípios da Perspectiva. Mas com o surgimento do Cubismo e da arte Abstracta (1910 - 1916) a validade da Perspectiva na arte ficou seriamente posta em causa e as regras da composição visual alteraram-se

MITOS DA ARTE

radicalmente. Seguindo a ideia tradicionalista de entender arte, o valor criativo acrescentado é Zero. A técnica vale por si mesma; o artista não cria - copia.

E talvez por se convencerem desta ideia completamente errada, os artistas iniciantes decidem desde muito cedo dedicar-se directamente à pintura - sem passarem antes pelo desenho. A cor atrai; a linha assusta. Esta auto-limitação não faz qualquer sentido e é contra- productiva a médio prazo para as suas vocações criativas.

No início da pedagogia artística deve-se fazer a junção destas duas coisas - mancha cromática (cor) e forma. De um modo muito simples: Picasso é considerado o pintor da forma; Matisse o pintor da cor.

Os 4 cavaleiros do Apocalipse:

MITOS DA ARTE

Existem quatro artistas que contrariam esta tese, este pré-conceito e que, apesar de serem desenhadores com grandes limitações, foram efectivamente grandes pintores.

Vou nomeá-los mas por favor não me "crucifiquem":

. Jean Dubuffet

. Jean- Michel Basquiat

E agora, a grande surpresa neste casting:

. Paul Cézanne

. Henri Matisse

Podem pensar que enlouqueci, mas convido-os então a revisitarem os corpos humanos retratados por estes dois

MITOS DA ARTE

últimos artistas: as proporções são simplesmente horríveis. Não há volta a dar. Acho piada à reverência actual em torno de alguns nomes maiores da arte moderna - na época da sua vida, quando faziam obras- primas eram insultados a torto e a direito - mas agora são Deuses e ninguém pode acusá-los de nada, já entraram no Olimpo. Isto é um erro histórico. E os artistas autênticos são os primeiros a não quererem que este endeusamento forçado aconteça.

Paul Klee e Joan Miró são também excelentes exemplos: não são bons desenhadores realistas, mas construíram um estilo de desenho único, feito de pequenos símbolos (Miró) e de pequenos jogos de criança (Klee), mas que só a paciência de um adulto pode transformar em arte.

Conclusão:

MITOS DA ARTE

Eu pensava o mesmo que tu: "- Não sei desenhar por isso nunca serei artista". E quando um Psicólogo me disse claramente: "- Será um pintor" após testes psicotécnicos, eu ri-me na cara dele.

Pois bem, quem estava errado era eu e quem se riu por último foi ele...

As insuficiências técnicas - que incluem o desenho - de um artista iniciante são as suas melhores "armas" para evoluir mais depressa, pois desencadeiam mecanismos de compensação.

Eu dou aquele que é claramente o melhor exemplo histórico:

. Van Gogh - este artista pintava com tinta a sair directamente do tubo!

Hoje consideramos este tipo de expressão plástica genial - mas não é

MITOS DA ARTE

mais do que ter uma técnica rudimentar e tentar ultrapassar essa limitação por tentativa e erro.

Porque, como dizia Picasso: "O que é o belo? Na pintura analisam-se e resolvem-se problemas".

TÉCNICA = ARTISTA

Vou falar-vos dos muitos mitos e preconceitos associados à ideia que se tem do que é a técnica ou o domínio técnico de certos materiais em arte. Em cada destas noções erradas, irei apresentar um ou mais exemplos e posições de artistas que mudaram os paradigmas da pintura moderna e contemporânea, para que se possa ter uma visão de conjunto que esclareça e vá além do senso comum.

Primeiro mito: “ - Se eu dominar uma técnica serei um artista”

. Esta ideia está errada porque uma técnica não é um fim em si mesmo. Segundo o essencial expressionista abstracto Jackson Pollock, que foi o divulgador da técnica radical do dripping: “A técnica é apenas um meio para fazer uma afirmação”. Logo, o que é

MITOS DA ARTE

essencial é fazer essa afirmação através do material utilizado e não somente a técnica que se usa para fazer essa afirmação.

Segundo mito: Ter o foco no material caro e na técnica aperfeiçoada e não na emoção e na criatividade

. Ora, este mito esconde o essencial: o medo de começar e o medo de não ter nada para expressar. Arte é inteligência emocional em movimento; não apenas o domínio artesanal de um material e/ ou técnica. A aposta nos materiais mais caros porque se pensa que, se os tiver, será melhor artista, apenas demonstra um completo desconhecimento e um eterno adiar do que é realmente essencial.

Para contrapor a esta ideia poderei aqui falar por exemplo de uma tendência para a chamada arte pobre, que utiliza

MITOS DA ARTE

materiais banais e até lixo, representada por artistas tão fulcrais como o informalista Antoni Tàpies e também Jannis Kounellis.

Terceiro mito: Tenho de saber desenhar para ser um artista

. O artista iniciante pensa muitas vezes que o mais importante é “saber desenhar”, por acreditar que arte se resume a isso. No entanto, esta é mais uma ideia errónea: o realismo representa actualmente uma ínfima parte do todo da expressão contemporânea das artes plásticas. O que se pensa ser a expressão pura da inspiração artística é apenas uma técnica de cópia das linhas da realidade. Aqui como em tudo, há pessoas com mais vocação para este tipo de expressão plástica do que outras, mas isso não significa grande coisa, em arte.

MITOS DA ARTE

Quarto mito: Devo trabalhar com a cor e não através da linha

. O artista que está a começar tem uma clara orientação para o trabalho com a cor; isto sucede porque a linha assusta, e assusta porque exige uma ligação muito mais profunda à realidade, uma verdadeira reinterpretação da vida. E isto não tem nada a ver com técnica - como o demonstra a arte quase infantil de Joan Miró e Paul Klee: eles criaram um estilo de desenho autónomo da realidade, por assim dizer, mas que a exprime de um modo muito mais intenso do que a sua cópia literal através do desenho tradicional.

Quinto mito: O gosto generalizado pela pintura do Impressionismo

. Este que curiosamente é o último movimento apreciado de forma unânime, foi duramente criticado na altura por

MITOS DA ARTE

todos, do público aos críticos de arte, incluindo o júri do Salon... o que cria a ilusão de que o Impressionismo é a única forma de pintura da arte moderna e contemporânea que tem realmente valor intrínseco, o que está muito longe de ser verdade.

Agora, vou sugerir coisas simples que podes fazer para ultrapassar estes receios naturais e estas ideias erradas, que podem prejudicar a expressão do teu talento:

Ponto um: encontrar o material certo, e para isso deverias experimentar vários materiais e confiar na intuição para saber qual é aquele que vai expressar o teu mundo de referências e emoções. No entanto, se esta atracção não for imediata, isso não significa que devas rejeitar esse material, pois mais tarde num contexto diferente poderá ser importante para a evolução do teu estilo pessoal.

MITOS DA ARTE

Ponto dois: descobrir a relação mágica com a cor; e aqui há que descer ao rio interior de cores que existe dentro de cada ser humano; qual é o teu discurso pessoal da cor? Uma coisa é a tua cor preferida - e todos nós temos uma; outra coisa completamente diferente é a relação que cada cor estabelece com as outras cores dentro de cada tela: ou as várias tonalidades comunicam entre si de uma forma autêntica e fluida, ou não - e nesse caso há que ir mais fundo dentro da tua própria personalidade para encontrar as respostas que antes procuravas fora de ti, de um modo algo agressivo.

Aqui vou dar-te alguns exemplos: o artista Yves Klein estudou e experimentou tintas durante vários anos para obter um tipo de azul profundo a que chamou de International Klein Blue e para veres o seu nível de seriedade até chegou a patenteá-lo! A partir desse momento todas as suas obras levavam

MITOS DA ARTE

um banho desse azul, ele ficou obcecado pela beleza dessa tonalidade de azul.

Outro exemplo: Paul Klee e a sua viagem à Tunísia; as cores quentes do norte de África levou-o a reconhecer: “A cor descobriu-me: já não preciso de a procurar - sou um pintor”.

Ainda mais um exemplo: Joan Miró; o preenchimento de cores deste artista é único e baseia-se em dois elementos importantíssimos: cores puras, primárias e aquilo que é essencial: as mesmas cores são colocadas em diagonais.

Ponto três: qualquer artista, seja ele um iniciante ou reconhecido, apresenta, quer ele queira ou não, factores próprios na sua arte: a isso dá-se o nome de estilo pessoal. O estilo em si nunca será 100% original, mas a mistura que faz de inúmeras influências tem de ser única.

MITOS DA ARTE

Ora, esta busca incessante pode durar uma vida inteira, assim como pode ser algo muito rápido.

Também há exemplos de artistas plásticos que aparentemente negam esta regra e desenvolveram séries de trabalhos muito diferentes - sendo Pablo Picasso, Damien Hirst e Gerhard Richter talvez os casos mais conhecidos.

E, neste âmbito de um certo predomínio da técnica sobre a inspiração pura, quero falar de alguns artistas e situações que são, quando as analisamos, mitos claros que afectam a forma como o público vê e sente a arte.

Primeiro exemplo: a obra “Os Girassóis” de Van Gogh é considerada uma pintura genial pelo simples facto de ter sido pintada quase exclusivamente com diferentes tons de amarelo. Ora, eu gostava então de perguntar: o que tem isto a ver com arte de qualidade? Este é obviamente um argumento de quem não

MITOS DA ARTE

entende a alma do artista e as suas motivações profundas, ao criar obras de arte.

Segundo exemplo: e ainda Van Gogh: todos consideram hoje em dia a sua técnica brilhante; e no entanto ele pintava directamente do tubo de tinta; há na sua pintura muitas vezes um empaste exagerado; as figuras humanas têm contornos e expressões básicas; a pincelada larga tão típica de um certo expressionismo não pode ser considerada uma técnica avançada; e o seu foco na cor e não no desenho foi criticada por Gauguin e pelos seus contemporâneos, sendo que nos dias que correm é verdadeiramente endeusada - tanto pelo público como pela crítica especializada.

Terceiro exemplo: outra obra interessante é a de Georg Baselitz: este artista vira as suas telas ao contrário. Para entender este tipo de expressão

plástica há que compreender a necessidade e até a óbvia dependência que o discurso da novidade contínua introduziu na arte contemporânea. O choque visual faz parte de muita da arte que se tem feito nas últimas décadas - e esta agressividade visual consciente e constante levou a um certo descrédito do mundo da arte, no seu todo.

Quarto exemplo: já na pintura de Francis Bacon existe um culto da distorção e da brutalidade do gesto. Aqui, devemos considerar que desde o Cubismo a construção de uma pintura se faz pela lógica interna do artista, não pela cópia da realidade.

Quinto exemplo: outros artistas que levaram a arte ao limite do conceito destruição- criação são: Manolo Millares, Joan Miró - que dizia que havia a necessidade de assassinar a pintura para criar algo de novo, Antoni Tàpies - que levou a pintura para lá de qualquer

MITOS DA ARTE

limite técnico e o escultor francês Cesar, que, com as suas compressões de carros, questiona claramente o conceito de escultura.

Resumindo: se ao entrares na arte quiseres aprender apenas aguarela, ou óleo, ou acrílico, entras com o pé esquerdo. Arte é arte! Não deixes uma só técnica definir-te enquanto artista. Serás reconhecido, não pela técnica que usas, mas pelo que vais criar com essa e outras técnicas. É o artista que usa a técnica; não a técnica que faz o artista. E imensas vezes, o artista começa por ter muitas fragilidades técnicas e vai construindo aos poucos a sua forma de trabalhar, até acertar com a melhor forma de lidar com determinado material, revelando o seu mundo interior. As nossas insuficiências são o nosso melhor aliado, porque nos forçam a tentar de novo e desencadeiam mecanismos de compensação.

E é por isso que, em arte, é melhor ter bastante paciência do que ser um bom artesão...

OS 5 MEDOS DO ADULTO NA ARTE

Todos os adultos a quem é proposta a realização de uma obra de arte passam por um sentimento geral de ansiedade, que é constituído por cinco fases; cinco receios cuja escala de importância é crescente.

Estes são os 5 receios do adulto quando confrontado com a linguagem subjectiva da arte:

. Medo 1. Medo de parecer infantil

Escapar a este receio é simples: basta entrar no jogo. Mesmo que pareça um jogo infantil, há que jogá-lo. Quando fazemos um desafio criativo a uma criança, ela corre a aceitá-lo e a entrar nesse desafio de cabeça, sem pensar - intuitivamente.

MITOS DA ARTE

Só que o adulto, talvez por pensar demais, e por pensar de forma demasiado racional, tem tendência a um comportamento mais defensivo. Defende a sua própria personalidade de uma previsível humilhação, através da resposta também ela a mais previsível: a negação. Ao se recusar a entrar no desafio criativo - ou o jogo - o adulto revela as camadas de protecção social de que se rodeou, ao longo do seu crescimento.

Mas também há outra forma de escapar a este receio: ir além do desafio, não apenas entrar no jogo mas alterar as suas regras e ir mais longe nos seus objectivos.

Esta seria uma resposta - ela sim - à altura da coragem intuitiva da criança...

. Medo 2. Medo de não ter nada para expressar

MITOS DA ARTE

Este receio é bem real, e não convém portanto menosprezá-lo. No entanto, e falando aqui da minha experiência recente como formador de artes plásticas, os adultos têm escondida dentro de si uma vocação artística evidente, e quanto mais hesitam, normalmente mais têm para expressar, com grande qualidade de conteúdos. É, neste sentido, um receio de bases pouco fundamentadas. Ao começar existe um outro receio: o da ligação à linha - e por isso os artistas iniciantes dedicam-se de alma e coração às cores. Porque este é um terreno mais pacífico. Porque quando se trabalha com linha, é necessária uma reinterpretação da realidade que exige esforço de grande profundidade intelectual mas sobretudo emocional.

Voltando ao receio inicial: não há qualquer hipótese de o adulto nada ter de próprio para desenhar ou pintar ou esculpir: qualquer ser humano - sublinho: QUALQUER ser humano tem dentro de si inúmeras coisas para

MITOS DA ARTE

expressar. Sonhos. Emoções. Pensamentos. Receios. Ansiedades. Ideias. E através de elementos simples e de materiais simples e de técnicas ainda mais simples, pode descobrir todo um mundo interior, pleno de criatividade e autenticidade.

Neste âmbito, garanto pessoalmente que nada há a temer.

O medo da tela em branco é, de facto, um grande, um enorme mito sem ligação à realidade.

. Medo 3. Medo de não ser especial

Aqui existe uma camada um pouco mais profunda da personalidade. O que está em causa é uma baixa auto-estima, que é reforçada negativamente pela noção intuitiva de que nada há de especial na existência desse adulto, que possa diferenciá-lo e trazer algo de especial à obra que se vai tentar fazer. Não só há o

MITOS DA ARTE

receio pelo fraco conhecimento técnico do processo artístico, como, a juntar a esta pré- consciência, teme-se - e muito - que os sentimentos a expressar não estejam à altura do que os espectadores esperam dele. É, no fundo, uma profecia que se auto- cumpre: “- Eu não tenho alma de artista, logo, nunca poderei criar uma obra de arte”.

Ora, ambas as ideias são falsas, e eu vou prová-lo com uma célebre citação do essencial performer e professor Joseph Beuys:

“- Eu só poderei ser considerado um artista se considerarmos que todos os seres humanos, sem exceção, são artistas” - J. Beuys

Pois bem, sabem que mais? Ele tinha razão. Beuys era artista porque, sim, todos nós, sem exceção, somos artistas. E não o afirmo porque acredito sem hesitar nesta ideia: afirmo-o porque tem

MITOS DA ARTE

sido essa a minha experiência enquanto formador de arte.

Dê-se asas à imaginação do adulto que ele, sem qualquer dúvida, irá voar perante os nossos atônitos olhos.

Não é um sonho - é o que realmente tenho visto acontecer...

. Medo 4. Medo porque a escrita é o seu mundo; não a imagem

Este é um verdadeiro problema - que muitos adultos não conseguem nunca ultrapassar, infelizmente. Apesar de o mundo da imagem existir historicamente antes do discurso mais tradicional e racional das palavras, a invenção da escrita marca, para o bem e para o mal, o início da História humana e o fim do período pré- Histórico.

Ora, o que poderia ser um ganho para a humanidade - e é-o em muitos aspectos, sem dúvida (desde a divulgação generalizada do conhecimento às populações ao registo da cultura e pensamento científico) - é igualmente um enorme retrocesso. Estou a falar do retrocesso no processo artístico puro, no desenvolvimento da imaginação, na criatividade ligada à subjectividade da imagem.

Com a escrita, com os livros, o discurso - o pensamento torna-se aparentemente mais racional, mas perde-se talvez o essencial: a ligação às emoções do ser humano primitivo em conexão directa com a natureza ameaçadora e as suas respostas intuitivas perante essa premente ameaça. Nega-se, portanto, o acesso ao medo primordial pela sua transposição para o discurso racionalizante: o adulto encontra aqui a barreira emotiva perfeita.

E quando a arte - pela sua ligação a uma interpretação subjectiva e pela sua

liberdade intrínseca - atira esse mesmo adulto de novo para os seus medos originais, ele - obviamente - recua, pois não é este o seu mundo referencial.

É uma atitude natural - mas não a devemos aceitar só por isso; antes a devemos contrariar sempre que possível.

. Medo 5. Medo de ser gozado por outro adulto; mas muito mais medo de ser gozado por uma criança

Este será, muito provavelmente, o receio que ressoa mais profundamente na alma do adulto. Mas... porquê? A resposta é efectivamente fácil; não significa isto que é óbvia, mas é relativamente fácil de entender. Tem tudo a ver com o crescimento, desde a infância, à adolescência, ao estado adulto. Por todas estas fases de crescimento, algo se perde; e o que se perde é, como muitos adultos reconhecem (e aqui o fazem de

MITOS DA ARTE

forma muito, muito intuitiva) - a alma e a ingenuidade da criança.

E talvez por isso, o adulto, ao pegar num pincel, sente o seu pior receio na pele: que um outro adulto critique, até é natural; mas ele relativiza pois está entre pares - também o adulto que o critica tem a mesma dificuldade em expressar-se artisticamente. A mesma forma de ver o mundo - nada de novo aqui.

Mas o problema é quando surge em cena uma criança. A criança é o Joker, o Bobo da corte, que diz a verdade brincando com as ideias. E o adulto não suporta isso porque reconhece nela a espontaneidade que foi perdendo ao longo da vida, e a capacidade de brincar e relativizar aquilo que um adulto toma como sério e importante. Puro ciúme, está visto...

MITOS DA ARTE

Concluindo - entra no jogo! Sê uma criança, de novo! Em arte não há medos - existem simplesmente possíveis caminhos e algumas aparentes e parciais soluções.

Porque, como dizia Pablo Picasso:

“- Se sobes a uma escada sabendo que não vais saltar para o outro lado - porque sobes a escada, então? Se já sabes que não vais arriscar e tentar ver o que está do outro lado, nem sequer subas a escada" - P. Picasso

Portanto... vamos lá subir a escada e saltar para o outro lado! :-)

LÁPIS? NÃO!

Existem 3 razões fortes para o artista iniciante usar lápis. Vou tentar explicar porque estas razões não têm qualquer razão de ser, e porque deves abandonar este material (já).

Confuso? Vem daí!

. Razão nº1

O artista iniciante quer aprender. Aprender tudo. E rapidamente. Para ontem, se possível. Aprender tudo já, claro está, não é possível. Mas só existe algo que ele receia ainda mais do que não estar preparado a nível técnico: a ansiedade de saber antecipadamente que vai errar.

MITOS DA ARTE

E ele tem um método infalível para isso não acontecer, a sua arma secreta: Dom Quixote. Este intrépido cavaleiro andante tem a forma, em arte, de um lápis. E, acompanhado como sempre, pelo seu fiel escudeiro - Sancho Pança, que come tudo, inclusive as deficiências do desenho - ou seja, a borracha. É com esta dupla invencível - lápis e borracha - que ele (ou ela) julga dominar as misteriosas artes da arte.

Puro engano: o remédio apenas agrava a doença - em vez de a curar. Tenho visto pessoas perdidas na tela, abandonadas em plena folha de papel, pela única razão de atribuírem poderes mágicos ao lápis. O que o lápis faz é agravar a falta de ideias - não as cria! Nem chega a ser magia; é simplesmente auto- ilusão.

Ao pensar que pode emendar eternamente tudo o que o lápis ou grafite ou barra de carvão faça na superfície à sua frente, e que se tudo falhar ainda tem o recurso milagroso da borracha, o que este artista iniciante está a

MITOS DA ARTE

conseguir é adiar o inevitável: pensar. Pensar e sentir. Porque, se o fizer, este pensamento e esta emoção viajarão à velocidade da luz da sua mente para o seu pulso e para o papel ou tela.

Ao transferirmos a essência da arte do nosso interior para o material e para a técnica, fazemos um mau serviço ao crescimento da nossa própria personalidade.

E é por isso que esta é a primeira razão para ser imperioso deixarmos de utilizar lápis e borracha.

. Razão nº2

O segundo erro é tão simples de entender e no entanto continua a ser cometido: o desenho a lápis ou grafite serve de esboço preparatório para uma pintura. Praticamente todos os grandes artistas utilizaram este processo na sua arte. Outro engano: ganha-se em estrutura e

MITOS DA ARTE

previsibilidade do efeito visual final o que se perde em originalidade e autenticidade.

O fundamental expressionista abstracto Jackson Pollock dizia a certa altura, decerto já cansado de tanta artimanha técnica, qual muleta criativa:

“Eu quero expressar as minhas emoções; não ilustrá-las!” - J. Pollock

E, no entanto, é exactamente isto o que legiões e gerações e quiçá mesmo *religiões* de artistas continuam a fazer: ilustrar em vez de expressar. Estes (e são mesmo muitos) técnicos da pintura não são pintores - são i-l-u-s-t-r-a-d-o-r-e-s!! Porque primeiro desenham a estrutura de linhas e só depois colocam as cores nos quadradinhos certos.

Ora, com isto perde-se o essencial: a intuição, o fluxo directo da expressão plástica, o sentimento - aquilo a que

Antoni Tàpies apelidava de “mão do artista que sensibiliza a matéria”.

Ganha-se um Mondrian e perde-se um Klee - é mais ao menos assim (a comparação não é feliz, mas é o mais aproximado, desculpem-me os puristas).

. Razão nº3

E este novo erro traz-nos a um novo engano: ao fazer a preparação para uma pintura, o desenho em si mesmo será soterrado por camadas e camadas de tinta.

Já vi trabalhos m-a-r-a-v-i-l-h-o-s-o-s de Salvador Dalí feitos com lápis e que ficaram para sempre perdidos, porquê? - Ora, porque foram submergidos em tinta, claro está! E que erro é este, então?

Muito simples: a pintura é encarada como a técnica definitiva (e o óleo em tela é endeusado ainda por muita gente), o

que leva ao facto consumado de nunca dar valor e assumir o desenho como uma obra acabada e com valor intrínseco e autónomo. O desenho está lá para servir de *andaima* - nada mais do que apenasmente isto... Um tocadour de bombo, um carregador de piano, para os Maradonas deste mundo e arredores poderem pintalgar as suas obras-primas. O desenho é encarado como o discípulo que nunca será um Mestre.

Talvez seja por isso que Escher e mais uns quantos bons samaritanos continuarão provavelmente a ser casos isoladíssimos na História da arte.

Vou ser claro: não me interessa, pessoalmente, que seja usada a técnica da tinta da china, ou a da gravura, ou a da litografia, ou o acrílico em tela, ou a caneta em papel; interessa-me isso sim o resultado final. E o resultado final é o preto e branco, um Black & White que é mágico, de um impacto brutal. Algo

próximo de um Corto Maltese ou mesmo de Sin City - puxando para a linguagem gráfica da BD.

Uma vez que a cor, neste tipo de trabalho, está claramente a mais, e se eu, enquanto artista, abomino o lápis, é porque pura e simplesmente o lápis me dá somente uma escala de cinzentos - não negro.

E quando eu vou para uma batalha de pensamentos (ou seja, quando coloco uma folha de papel branco na mesa), gosto de ir com as armas certas para o contraste cromático total.

E, ou muito me engano, ou é o preto sobre branco (ou o branco sobre negro) que o consegue - não um cinzento pálido e entristecido e de efeito completamente neutral.

MITOS DA ARTE

Não preciso que concordes comigo - aliás, nem quero.

Quero apenas uma coisa: pega num lápis ou grafite; e papel ou tela - e prova que eu estou errado. Só te peço uma coisa: deixa esse desenho como está - mesmo que consideres que está inacabado. Deixa-o respirar, deixa-o viver.

Porque, podes crer que no exacto momento em que colocas nesse desenho a gota mais fina da tinta mais transparente com o pincel mais pequeno do mundo - tu já perdeste a sua alma.

Compreendes, agora..?

QUANTO VALE A MINHA ARTE?

Existem duas formas de ver esta questão, que é uma questão importante no mundo da arte: a dos outros ou a Tua.

A primeira é tomar o ponto de vista do “mercado”: o que pensa o galerista que vale a tua obra; o que pensam os outros artistas, que te podem aconselhar; o que pensa o teu agente sobre a real valia da tela; o que pensa a leiloeira, e muitos etceteras. Esta é a perspectiva exterior.

O grande problema é que se seguires por esta via vais estar sempre, ou a subvalorizar as tuas obras ou a sobrevalorizá-las, conforme o espaço onde as expões e a pessoa que aconselha no que diz respeito ao preço a que as deves colocar.

Expões num hotel - preço vai por aí acima; expões num restaurante - preço

MITOS DA ARTE

vai a descer a montanha; vendes na leiloeira - preço inflacionado; vendes a um particular - preço de amigo outra vez.

Pois bem, eu proponho pelo contrário três coisas:

Uma - começa a pensar pela tua própria cabeça

Duas - tenta manter sempre o mesmo preço

Três - coloca nas tuas peças um preço que faça sentido, não sentido para os outros mas que faça sentido para ti enquanto artista – pois que és afinal o autor dessas obras!

Há muitas maneiras, muitas fórmulas de encontrar um preço para uma obra de arte. Vais encontrar conselhos baseados na dimensão da tela e outras coisas parecidas que francamente não são assim muito lógicas...

MITOS DA ARTE

Irás receber muitos conselhos, até de artistas que colocam vídeos no Youtube, não vejo problema em assistires a esses vídeos, mas tens de relativizar estes conselhos, pois muitas vezes são artistas já consagrados e que podem falar do *alto do pedestal*, digamos assim; não têm os problemas que um artista iniciante ainda tem em vender as suas peças de arte.

Vamos então ver como isto é realizável, na prática. Ora bem, o preço - por exemplo de uma pintura em tela - tem de integrar os seguintes seis factores:

Factor UM. Preço dos materiais: tintas, pincéis, tela, até os panos e todos os materiais que foram efectivamente usados a fazer essa pintura: são então cerca de 50 euros

Factor DOIS. O custo do teu trabalho: aqui tens duas opções: cobrar um valor

MITOS DA ARTE

único ou o preço do trabalho por hora, por exemplo levaste duas horas e cobras 20 euros à hora, logo são 40 euros adicionados ao preço final

Factor TRÊS. Fizeste alguma exposição para tentar vender esta tela? Então todos os custos de transporte e montagem devem ser reflectidos no preço final: digamos que foram duas exposições até vender, nem que seja a um particular no teu estúdio muito depois dessas duas exposições: vamos colocar um custo de 70 euros

Factor QUATRO. O custo da tua criatividade: lembra-te que uma obra de arte é única e irrepetível, para uma tela acima de 80cm x 60cm não acho descabido cobrar um valor artístico de 200 euros

Factor CINCO. O tempo que levaste para vender a tela. Podes querer reflectir este

MITOS DA ARTE

tempo no preço final, digamos 30 euros por cada ano que passa, uma vez que há um custo de espaço e manutenção que tens por cada tela que fizeste e que ainda não se vendeu. Se levaste 4 anos até vender, são 120 euros

Portanto, temos até aqui:

Um. Materiais - 50€;

Dois. O teu trabalho - 40€;

Três. Exposições - 70€;

Quatro. Criatividade - 200€;

Cinco. Tempo até vender - 120€

= Total - 480€

Se venderes sem comissão a um particular, não vejo problema em vender a este preço.

MITOS DA ARTE

Factor SEIS. Finalmente, as comissões que tens de pagar à galeria ou ao website ou ao restaurante, costuma ser à volta de 50% em muitos sítios, portanto para obter o que pretendes tens de dobrar o preço.

Logo, são 960€, é um preço que está próximo de mil, se quiseres arredonda para 1000 €.

Parece muito, não é? E para um artista iniciante vai ser difícil, senão impossível, manter este mesmo preço em todas as situações onde a tela é exposta.

E no entanto, se para ti faz sentido, este é um preço que, mais importante do que tudo, podes defender: se algum comprador hesitante te perguntar como diabo achaste esse preço, só tens de fazer uma coisa simples: imprimir esta fórmula de seis pontos e apresentar ao colecionador, para que ele finalmente entenda como um artista encontra um preço para a sua tela.

MITOS DA ARTE

Junta isto ao certificado de Autenticidade que normalmente acompanha a venda da tela, e tens um comprador esclarecido e que finalmente compreende o preço final da tela que está a comprar. Não tens nada a esconder: dizes assim - meu amigo, são estes os seis factores que influenciam os meus custos, e portanto é este o preço da tela.

E pronto, é tudo.

Se nós, artistas, mantivermos alguma racionalidade neste meio da arte tão dado a inflacção sem razão aparente, ganharemos três coisas essenciais, que nos faltam agora:

Uma. Espírito de comunidade

Duas. O futuro é construído por nós próprios

Três. O respeito de quem ganha dinheiro com a nossa criatividade e o nosso trabalho e de quem compra a nossa arte

MITOS DA ARTE

Espero que esta maneira de ver o real valor da tua arte te seja útil e que ganhes consciência da importância do teu talento, que é sempre especial, nestes dias de banalidade do capitalismo e consumismo desenfreado.



ARTigos

O PESADELO DA ARTE ADAMASTOR

"Em terra de cegos quem tem olho é Rei",
diz o povo com eterna razão.

Joana, Joana Vasconcelos, de seu nome.

- . A sua profissão? - Artista plástica.
- . A sua arte? - Desproporção.
- . O seu contexto? - Portugal.

O mesmo contexto social e humano que alegadamente cuspiu e agrediu o mesmo Amadeo de Souza Cardoso que agora é canonizado em praça pública, por um povo que continua a não entender grande coisa de artes visuais. Mas adiante.

Passou-se um século - mas aparentemente não se passou mais nada. A política lava a sua alma também nestes pequenos espectáculos, organizando desfiles perante o óbvio -

genialidade de Souza Cardoso ou Almada
- com o à vontade de um chefe de circo:

"- Vejam, apreciem e vão para casa um pouco mais mansos. Amanhã há mais" (trabalho).

Entre Joana e Amadeo, um mundo de diferenças: no caso dele, não basta existir em rosto de gente e depois sentir o choque físico de peças monumentais, que fazem o resto; não, nada disso.

Klee costumava dizer que “Desenhar é levar uma linha para passear”; já Joana esqueceu-se da linha, deixou-a num parque público ao cuidado de um aspirador-robot, e o resto é história - ou são estórias...?

Paul Klee é provavelmente o artista que mais peças pequenas, quase minúsculas, fez ao longo de uma vida poética, de um longo e produtivo percurso na arte.

MITOS DA ARTE

Inventou mil e uma técnicas; usou imensos novos materiais, fez inúmeras experiências e criou tantas combinações cromáticas e técnicas que custa a crer que uma tão gigantesca criatividade tenha nascido de um só ser humano.

O seu problema? - Não o fez a uma escala tal que outros seres humanos pudessem ser literalmente *esmagados* por esses pequenos milagres da arte que tão pacientemente criou.

Já Joana fez as apostas certas:

- . O *cavalo* certo - arte contemporânea (e não a arte moderna);
- . A estrutura certa - equipa de dezenas de pessoas a fazer o que ela imagina (uma ideia que é característica de uma parte da produção artística actual);
- . e, finalmente, na dimensão certa - obras tão grandes que não cabem numa normal galeria de arte - abrindo assim caminho para o investimento público em

MITOS DA ARTE

obras que muitos acusam ser de regime (sem contudo o conseguirem provar inequivocamente).

E, no entanto, muita coisa há a apreciar em Joana Gulliver, perdão - Vasconcelos:

- . Uma interpretação correcta dos ensinamentos de Duchamp;
- . Uma ironia que, apesar da dimensão, consegue ser discreta e eficaz;
- . Uma interpretação sociológica que faz sentido;
- . Um reavivar da memória dos mais esquecidos, no que às indústrias tradicionais portuguesas (têxteis e não só) diz respeito.

Tantos aspectos positivos, que são traídos (e não engrandecidos) por uma dimensão espacial que, ao invés de seduzir, se impõe. E não se impõe pela beleza visual ou significado artístico

revolucionário, antes pela diferença de proporção entre um ser humano e peças de um tamanho tão monumental que, em boa verdade... ninguém as pode ignorar!

Ou seja, artes visuais no seu pior.

Eu continuo a preferir uma outra monumentalidade: a da sensibilidade artística.

E, essa, encontro-a nas pequenas aguarelas de Klee, ou Vieira da Silva, ou Kandinsky; não em peças de Arte-Adamastor, sejam elas de Joana Vasconcelos, Jeff Koons, Christo, Richard Serra e muitos, muitos outros.

Termino o artigo com um outro ditado popular:

“Quem não quer ser lobo não lhe vista a pele”...

A SORTE DO DESNORTE DA
MORTE SEM CONSORTE

(Sorte)

Quando Van Gogh, na sua infinita bondade e saudade de um passado que nunca foi verdadeiramente vivido, quis unir a sua torrencial demência criativa a outro génio de igual estirpe - Gauguin, algo de terrível aconteceu.

De génios e de loucos todos temos um pouco...

Van Gogh e Gauguin tinham muito, e não pouco, quer de génio, quer de algo que se confunde através dos tempos com a loucura mas que se torna, com o desvanecer da névoa da mortalidade e sobretudo da eterna inveja tão tipicamente humana, em autêntica mestria psicológica.

(Desnorte)

Muitos, hoje em dia - aqueles que estão sempre ausentes das reais razões que movem os artistas - trataram logo de culpar Gauguin pelo suicídio e extrema debilidade psicológica a que Van Gogh chegou.

Será isto factual?

Será isto a verdade do que se passou?

Na hoje mítica e ridiculamente endeusada casa amarela, um ser com uma alma do tamanho do mundo mudou a história da pintura, entrou pelo Impressionismo adentro e transformou-o em Expressionismo, arrastando consigo um turbilhão de emoções descontínuas e de intensidade que qualquer humano desconhecia e desconhece, até hoje, seja esse humano o Zé da esquina ou o maior dos doutorados em História da Arte da nossa praça.

MITOS DA ARTE

(Morte)

Cada génio tem o seu próprio Tempo de sentir, de existir, de sofrer, amar e morrer.

Gauguin tinha o seu, e não deixou nunca que Van Gogh pudesse intervir nessa área.

Será correcto, justo, criticar, atacar Gauguin, agora?

Cada um tem o seu Tempo.

E será a Natureza, e as suas forças abstractas - e não Deus, como muitos afirmam, a decidir o que foi justo, nesta vida que se esvai como areia por entre os dedos de uma estátua de sal, ao redor de um destino qualquer.

(Consorte)

A Arte, essa, nunca morre. Mesmo que nunca tenha existido, mesmo que

MITOS DA ARTE

apenas assista ao que ainda não é nascido.

Amo Van Gogh porque ele amou a natureza e me transmitiu esse amor.

E respeito Gauguin, pois ele amou as trevas e as forças obscuras, de que o mundo é feito.

É desta matéria de que são feitos os sonhos do mundo.

Ambos desistiram bem cedo da burguesia das emoções.

Deram o seu futuro às crianças do futuro e seus corações.

Deixaram os seus amores bem fundo, trazidos em desespero no passado do mundo.

Seja feita (alguma) justiça através destas poucas palavras a dois monstros sagrados da pintura, da arte, da vida e da morte.

Tenho dito.

OS SUPER-HOMENS DA ARTE

Há muita história (e sobretudo muitas histórias...) para contar na história da arte. Histórias paralelas, que não ocupam nem notas de rodapé, em livros cuja lógica parece inquebrantável:

. A história da compra por atacado e da aposta maciça a médio prazo em pintores impressionistas, por exemplo.

. A história da firme determinação do colega e amigo (e também a do marchand) de Gauguin de que ele não viajasse à Europa.

. A história de Theo Van Gogh, que estava enquadrado no negócio de arte europeu e que apesar dos seus esforços não conseguiu mesmo assim impor a mais do que óbvia genialidade do irmão nesse mesmo mercado, cujo conservadorismo se mantém inalterado nos dias de hoje.

MITOS DA ARTE

Comecemos, por exemplo, em Pablo Picasso. Desde bem cedo marchands astutos o apoiaram, comprando-lhe inúmeras obras e permitindo que tivesse uma vida desafogada, algo raro na época. E a partir desse momento e para inflacionar a sua obra, havia que construir um mito à volta da sua personalidade. Um mito da sua força intrínseca, da sua masculinidade, do seu génio.

A única coisa que destoava era, descontadas as devidas distâncias - tal como em Jesus Cristo - a sua vida humana e as suas muito humanas fragilidades. Já o pai de Joan Miró queria à viva força que ele permanecesse no cargo de guarda-livros numa drogaria. Claro que a rotina burocrática da função o levou a um esgotamento nervoso e o pai, depois de hipotéticas e previsíveis súplicas familiares e da clara vocação criativa do filho, lá cedeu e permitiu que ele pintasse, como ocupação diária.

Era preciso construir o mito de Paul Gauguin - o selvagem que foi habitar

zonas remotas, um isolado da sociedade, irascível, que encontrara a fonte da beleza universal nas remotas ilhas do Taiti.

Só que o contacto com as pessoas da *civilização* tinha um problema: poderia humanizá-lo aos seus olhos: há cartas do seu colega e amigo Daniel de Monfreid aconselhando-o vivamente a não viajar.

Porquê? Pode haver várias opiniões. Esta é a minha convicção, que me vincula só a mim: eu tenho como certo que pelo motivo de lucros futuros, claro está - e aqui claramente quanto maior o mito maiores os lucros. Não conhecer pessoalmente um artista é o primeiro passo para mitificá-lo. Uma hipótese arriscada? Uma ideia delirante? Será?

Neste contexto e nesta perspectiva, por que razão a depressão de Picasso está praticamente ausente das suas biografias, sendo que um estudioso duvida até que ela sequer tenha tido lugar na sua vida? Seis meses, meio ano, pelo menos, a recuperar do choque que fora o suicídio por motivos passionais do

seu grande amigo Casagemas, e que originou a fase azul na sua obra, recuperação essa que terá ocorrido na terra do seu pai em Espanha. Um detalhe que é apenas referido em conversas indirectas entre amigos seus. Teria mesmo existido tal fase depressiva? Neste momento? E terão existido outras, de que ninguém ousa sequer falar? Uma informação errada? Apenas um boato? Foi mesmo assim?

Meus amigos, na arte há que construir super- homens, narrativas tão perfeitas que são autênticas cartilhas metafóricas, sonhos em plena realidade - tal como aconteceu com a figura de Cristo: coloca-se uma lupa gigante nos aspectos do talento puro e rasgam-se as *ridículas* cartas de amor que toda a gente quer esquecer. Como diriam os americanos, a win- win situation para todas as partes - marchands, artistas e público.

Para se construir o mito de “Picasso, o Grande”, era necessário, essencial, obrigatório, esconder a sua depressão.

Ele tinha de ser indestrutível. Tinha de ser um macho latino. Tinha de ser o toureiro que encarava a genialidade (e os alemães, já agora) de frente. Tinha, no fundo, de ser sobre- humano.

Não há aqui grande ciência. Nada de criatividade, também:

. Primeiro, descobre-se um talento fora do comum - e bastava viver em Paris nessa altura para se tropeçar em dois ou três a cada esquina;

. Segundo, compra-se um enorme conjunto das suas obras a preço de saldo;

. Terceiro, organizam-se enormes exposições, de preferência em mercados pejados de grandes investidores, para impor instantaneamente um nome ou um estilo inteiro no mercado - como foi o caso do Impressionismo.

E já está: um, dois, três, voilà! A magia do marchand de arte acontece!

E pensam que hoje em dia é muito diferente??

Basta conhecer 1% da estória na sombra da (re)venda do tubarão em formol de Damien Hirst através da inflacção galopante exercida pelo seu patrono Saatchi, para ficar com sérias dúvidas sobre a validade do que nos contam sobre a história da arte em livros muuito cândidos...

Uma coisa eu admiro em Hirst: uma certa independência a vender a sua própria obra, fazendo-o directamente e sem aparentemente passar cartão aos poderes instituídos. Isso, sim, uma lição para outros artistas. Mas... o resto? Pinturas de bolinhas vendidas por milhões? Nisso ele é igual a todos os outros vendedores de sabonetes ou batatas.

Mas não duvidem por um segundo: aqui, criam-se super- homens em série, mitos com pernas - como quem compra bananas num supermercado. Senão,

MITOS DA ARTE

porque razão os galeristas de renome aconselham os seus artistas a não porem os pés nas grandes feiras de arte internacionais, como refere Sarah Thornton no seu esclarecedor livro “Sete dias no mundo da arte”?

- Por amor de Deus, não apareçam! Do negócio tratamos nós, fiquem-se pela arte, senão ficam deprimidos, e nós precisamos de vocês produtivos e alegres! - É mais ao menos isto o que se passa actualmente. Thornton é extremamente clara em relação a este assunto, não o tenta esconder como muitos fazem.

Os americanos têm um ditado curioso, que se aplica aqui na perfeição:

“Se é bom demais para ser verdade, é porque é! (bom demais para ser verdade)”.

O que tem isto a ver com arte, perguntam vocês? Absolutamente nada - ah, mas

MITOS DA ARTE

tem tudo a ver com negócio! E a arte hoje é um negócio como outro qualquer, para estas mentes iluminadas.

Ora, num tempo em que os do marketing e afins aconselham com cara séria os artistas a serem a sua própria marca e em que tipos inenarráveis como Warhol vencem na vida sem qualquer problema e são até apontados como exemplo a seguir para todos os outros (verdadeiros) artistas, não parece haver - uma vez mais - lugar para os grandes talentos da arte.

Um Jean Dubuffet, uma Vieira da Silva, um Antoni Tàpies, uma Louise Bourgeois, um Amadeo de Souza Cardoso, uma Niki de Saint Phalle?

Artistas a sério - estarão eles a mais neste “mercado da banalidade” e do mito fácil e da venda rápida...?

Têm a palavra:

“ “Actualmente, tu és esse artista inaudito, lendário, que do fundo da Oceânia envia umas obras desconcertantes, inimitáveis, as obras definitivas de um grande homem, por assim dizer, desaparecido do mundo. Os teus inimigos (e tens muitos, como todos aqueles que estorvam os mediócrs) não dizem nada, não se atrevem a combater-te, isso não lhes ocorre. Enfim, tu gozas da imunidade dos grandes mortos, que passaram à história da arte. O público vai-se educando e, consciente ou inconscientemente, impulsiona a tua reputação. Vollard trabalha nisso pouco a pouco, pressente a tua celebridade indiscutível e universal”: De novo chocava com o drama de manter viva a sua lenda, ainda que isso pressupusesse morrer só e distante da sua França.”

In - “Génios da Arte: Gauguin” - editora brasileira, textos: Silvia Munoz de Imbert.

MITOS DA ARTE

. Reza a lenda que em 1918 Pablo Picasso vociferou contra o seu marchand da altura, dizendo "*Le marchand - voilà l'ennemi!*" - "O marchand - eis o inimigo!".

Ele sabia bem que os marchands podiam ser muito poderosos. Na verdade, marchands são "santos" do mundo da arte: suportam os humores dos artistas e revelam gênios desconhecidos. Mas são também "pecadores", acusados de todo o tipo de desonestidades na busca do maior lucro.

In - Site: Opinião e Notícia

(como mera curiosidade - sem qualquer intenção secundária, diga-se que por exemplo Ambroise Vollard foi marchand tanto de Gauguin como de Picasso)

TEORIA GERAL DA POLUIÇÃO VISUAL

Reconheço, meio envergonhado: não gosto de designers gráficos ou tipos do marketing.

Não é uma questão pessoal; é uma questão profissional, pois eles poluem o panorama visual das nossas cidades.

Cores primárias usadas sem critério estético ou artístico, vai tudo a eito. Não há aqui o rigor quase zen de um Piet Mondrian, a aparente anarquia de uma tela suprematista de Malevich, uma construção geométrica imaginária de Kupka, uma improvisação cromática de Kandinsky; não, nada disso:

- Nada de poesia visual, apenas poluição visual.

Tudo o que uma sondagem ou estudo de mercado ou folha de Excel lhes aponte para maiores lucros, é certo e sabido que

MITOS DA ARTE

é o que eles usam: o cliente intermédio fica satisfeito em *entrar na ilusão* com informações aparentemente científicas e o cliente final, ou seja a cobaia/ *aka* homem comum; esse, fica sempre a perder.

Muito mal se diz neste país do condutor de carro.

Ora, estar atento, no interior, a: embraiagem/ travão/ acelerador/ mudanças e ainda estar atento, no exterior, a: peões/ passadeiras/ sinais de trânsito/ publicidade, tudo isto, me perdoem, é demais para um só ser humano com dois muito atarefados olhos. Reacções tardias muitas vezes não se devem a má educação - antes a uma infundável poluição visual que é um verdadeiro caos de prioridades, para quem tem de decidir em fracção de segundo se vira à direita, à esquerda, vai em frente ou simplesmente pára.

Vem isto a propósito de um outro tipo de poluição visual: a pintura.

MITOS DA ARTE

- A arte também pode ser um tipo de poluição visual? Resposta: porque não? Hitler achava que sim. E muitas outras pessoas que nada têm a ver com este nefasto regime pseudo- democrático também o pensam, mas não o dizem. É o relativismo técnico e artístico a que assistimos e que contaminou irreversivelmente a arte contemporânea apenas adia eternamente uma resposta concreta a uma pergunta que toda a gente faz, sem o saber.

A obra de Paula Rego, aparentemente, está neste lote restrito:

- . Os rostos animais da fase madura;
 - . As personagens confusas da primeira fase;
 - . A composição visual ambígua de personagens da grande maioria das suas telas;
- , e a sua argumentação e a sua personalidade apenas adensam a

dúvida: é esta obra, no seu todo, enquadrável no odioso conceito de “Arte Degenerada” do regime nazi?

Mas há uma outra questão mais premente e inquietante que todos nos devemos colocar: quantas destas ideias correspondem a valores humanos e sociais profundos e quando vão elas voltar ao debate público, sob novas roupagens, para nos assombrar e levantar alguns *esqueletos no armário*...?

Lembremo-nos que inúmeras telas de dezenas (pelo menos) de artistas foram confiscadas, exibidas perante o escárnio incutido em populações manietadas e por fim destruídos ou vendidos pela porta do cavalo, rendendo lucros astronómicos, a bem do esforço de guerra ou do bolso fundo de alguns.

Mas, estará Paula Rego sozinha nesta ambivalente lista? - Não. Nem por sombras.

Também Egon Schiele. Também Kirschner, ou Munch e quase todos os

expressionistas entram na lista. Até o grande Picasso entrou neste estranho baile, valha-me Deus...

Uma visão alterada das coisas, da realidade exterior ao artista. No caso de Paula Rego, uma visão muito particular da relação entre masculino/ feminino, que impregna toda a sua obra.

Apesar desta compartimentação obviamente política ser claramente indefensável, talvez seja benéfico voltar a discutir conceitos essenciais, em arte, para variar do marasmo e da aceitação acrítica de tudo o que os galeristas e marchands astutos queiram inflacionar no mercado...

Na escola de arte de Lisboa Ar.Co, onde estive meio ano, havia espalhados na zona da pintura posters com pinturas desta pintora. Quase posso jurar que até no tecto havia reproduções de pinturas dela!

Porquê? Porque seria...?

- . Não creio que fosse por ser uma artista *especial*.
- . Não por ser amada entre os artistas.
- . Não. Nada disso.

A sensação que tive foi a de um provincianismo algo torpe e grotesco: ali estava uma pintora portuguesa que era altamente considerada em Londres e, a partir daí, um nome consagrado nas artes mundiais.

A verdade era esta: todos os aspirantes a pintores na Ar.Co queriam ter o seu sucesso. Nada tinha a ver com inspiração puramente criativa.

Confesso: prefiro a depressão de Miró. Prefiro a mal escondida depressão de Picasso, e a de Joseph Beuys e a de Niki de Saint Phalle e a de muitos outros pintores.

E sabem porquê?

Porque esses grandes artistas usaram a pintura como metáfora e sim - como uma terapia; mas, mais que uma possível cura para o seu frágil estado psicológico, ela foi uma ferramenta de transformação social; não me atiraram a sua depressão à cara, como se de alguma vaga acusação se tratasse.

A diferença entre Francis Bacon e Paula Rego, por exemplo, talvez esteja aí:

. Francis Bacon é destrutivo mas constrói uma outra perspectiva sobre a realidade;

. Já Paula Rego constrói um labirinto interno, uma teia de sentimentos sombrios dos quais não se consegue libertar - e transfere essa confusão emotiva para o espectador, sem o filtro da transformação e da sublimação tão intrinsecamente artística.

MITOS DA ARTE

Aquilo que em outros artistas é uma alavanca criativa avançada, na obra de Rego fica-se pela primeira fase e o instrumento criativo torna-se, ele próprio, em objectivo final. Ou seja, a destruição interior assume-se como um círculo vicioso que se auto- alimenta.

E se por esta altura da sua vida ainda não se conseguiu libertar deste estado psicológico, temo que nunca o conseguirá fazer.

É pena. É uma pena para a sua vida pessoal.

Mas é uma pena ainda maior que um país de tão grandes talentos em artes plásticas - muitos deles ainda completamente desconhecidos da opinião pública - continue a viver na sua sombra, sendo que a sua obra evidencia uma visão distorcida, e porque não dizê-lo, algo doentia, de quem olha para a vida por uma lente desfocada, crendo que é essa a realidade.

MITOS DA ARTE

(peço desculpa por dizer abertamente o que muita gente decerto pensa e não diz)

Dir-me-ão que assim acontece sempre, que todo o artista genial sente de uma forma excessiva e doentia. Sim, concordo que assim seja em grande medida.

É uma enorme pintora? Sim, é. Não haja dúvidas, ninguém as tem. Grande talento da pintura figurativa mundial.

E, no entanto...

- Vieira da Silva era amada;
- Paula Rego é *apenas* invejada.

E isso fazia - e faz - tooda a diferença do mundo.

O EMBUSTE DO CIFRÃO

Andy Warhol é o Pai de praticamente todos os *embustes* artísticos.

Um falso *Papa*, um falso artista, na sua própria definição: “uma máquina”.

A sua nefasta influência espalhou-se como um cancro agressivo, e a fasquia passou a estar no cifrão, não na tela.

Muitos dos artistas contemporâneos aceitam-na e abraçam-na sem questionar as suas verdadeiras motivações, e replicam a estrutura da sua *Factory*, empregando dezenas de artesãos, que asseguram lucros astronómicos, através de encomendas que estão sempre a chegar aos grandes estúdios dos artistas consagrados.

Desde o Ocidente à China, o padrão de funcionamento é o mesmo - e a globalização fez o resto que ainda faltava fazer. Na arte, como em tudo, está na

moda ser rico. É preciso mais quantidade e não maior qualidade.

E isso paga-se na única moda possível: na desistência assumida da criatividade, em prol do aumento astronômico de lucros a breve trecho.

Warhol é uma influência perniciosa. Porquê? Nem sei por onde começar...

Desde a ideia de banalização da arte (ou seja, da sua falsa democratização, atribuindo a toda a gente talento natural para fazê-la com sabedoria, sentido estético e histórico), passando pela deturpação dos ready-made de um Duchamp que nunca se deu ao trabalho de desmistificar o que quer que fosse, até à inspiração de todos os Big Brothers, de todas as revistas cor-de-rosa possíveis e imaginárias (os tais 15 minutos de fama para todo o gato-pingado deste mundo e arredores...), o trabalho de Warhol é a tentativa de transformar a realidade mais chã e

desinteressante em coisa que valha a pena comprar.

Além da fraca produção artística de Warhol, também a forma como subiu no mundo da arte nova-iorquina não está isento de dúbios contactos do mundo Gay que ele tão bem conhecia, algo que tem feito escola no mundo da arte, dos mass media e da política.

Não sou homofóbico. Aliás, um dos meus (poucos) grandes amigos é gay assumidíssimo. No entanto, se alguém o é, porque não o assume? Se não o faz é porque certamente essa ambiguidade lhe é favorável, na sua vida privada e sobretudo também profissional. Se eu fosse, teria orgulho nisso e decerto não o esconderia. E, num mundo onde isso, não só deixou de ser um estigma irrecuperável, como se tornou uma moda, a sua ocultação revela-se cada vez mais incompreensível e indefensável.

Se Warhol é um profeta da arte, é- o apenas da sua comercialização e inflacção, pois que transformou o espaço *sagrado* da galeria de arte num

gigantesco supermercado de coisa nenhuma.

Um elogio eu lhe faço: Warhol fez com que o design gráfico entrasse na arte pela porta grande, não pela porta do cavalo, como se costuma dizer. E contactou e produziu alguns artistas de enorme qualidade, desde os Velvet Underground a Jean- Michel Basquiat.

Mas, francamente: ele contactou com tanta gente de génio ao longo de décadas, num dos ambientes mais criativos do planeta Terra, que o contrário, isso sim, seria virtualmente impossível...

Quanto às Artes Visuais, essa é outra história.

A arte tem de provir da Necessidade Interior - ensinamento de Wassily Kandinsky (criador oficial da Arte Abstracta ocidental); ora, este ensinamento está totalmente em contradição com a mensagem publicitária e panfletária de um Warhol obcecado por fama e dinheiro.

MITOS DA ARTE

Muitos talvez desconheçam este facto: Warhol queria começar a pintar mas não sabia bem o quê; então um amigo sugeriu-lhe pintar aquilo de que ele gostava mais. E assim surgiram as tristemente célebres pinturas de notas de dólares verdes...

Mais vazio, mais indiferente, mais ausente, mais superficial, mais oco, de facto, não há.

Aquilo que em Duchamp é mental, em Warhol é ostentação; aquilo que em Kandinsky é interior, em Warhol é exteriorizável; aquilo que em Bacon é contenção, em Warhol é espectáculo, vaidade pura.

Não existe nada para além das serigrafias - repetição, seja as de Jacqueline Kennedy, seja as de Marilyn Monroe ou de Elvis Presley. Os críticos de arte bem pensantes bem tentam *envenenar* o espírito das multidões - dizendo-lhes que a repetição de impressões ligeiramente diferentes é um

MITOS DA ARTE

estado artístico pleno de sabedoria, bla bla, mas os artistas autênticos sabem bem que tudo isto é mau teatro e jogo de bolsa; desde o mundo da arte até Wall Street é apenas um passo....

Um passo que muitos galeristas deram e dão e darão de bom grado, a bem do seu bem- estar financeiro.

Existe um homem que produziu teorias desconcertantes, um verdadeiro intelectual desta nova era dos Mass Media.

Esse homem chamava-se Marshall McLuhan e, apesar de pouco citado, a sua excepcionalmente lúcida análise é essencial hoje para compreendermos, tanto o poder dos meios de comunicação social nas sociedades burguesas ocidentais (sociedades de serviços e de novas tecnologias, pós Revolução Industrial), como a perniciosa contribuição de Warhol para o mundo da arte da segunda metade do Século XX.

MITOS DA ARTE

Questionar os falsos mitos do Pós-Guerra significa mantermos a perspectiva histórica e a sensatez.

E McLuhan é muito mais sensato do que Warhol foi.

Sensato e honesto, intelectualmente.

BREVE TRATADO SOBRE
A GANÂNCIA HUMANA

- . Quem vá à feira de arte BASEL na Suíça, ou ARCO em Madrid ou FIL em Lisboa, vai ao engano;
- . Quem entre numa galeria de arte contemporânea - praticamente qualquer uma, à escolha - pensando que verá arte, posso garantir que do outro lado há alguém que vê apenas cifrões;
- . Quem frequente leiloeiras - sobretudo as de topo: Sotheby's, Christie's, etc etc etc - não se discute arte, discutem-se números - e aí várias técnicas são utilizadas com a mestria de um Da Vinci, para que esses números sejam inflacionados;
- . Quem ponha os pés num museu pensando que a situação é diferente, encontrará o mesmo jogo do empurra, em relação ao verdadeiro valor de uma obra de arte;

MITOS DA ARTE

. Quem visite grandes estúdios de artistas de renome, verá, não um artista, mas dezenas de artesãos contratados, como uma qualquer fábrica de electrodomésticos.

O que tem tudo isto a ver com arte, perguntam-me? NADA. Não tem absolutamente nada a ver com arte.

Ah, mas tem tudo a ver com a verdadeira primeira profissão da humanidade: o lucro, a sede de dinheiro - e poder, porque mais dinheiro significa sempre, nessas mentes iluminadas, maior poder.

Não será toda esta construção artificial à volta da arte, censurável?

E não deveriam ser os próprios artistas a tomar essa iniciativa, em vez de esperarem calmamente o seu lugar na interminável fila de espera da fama?

Existem sequer, essas vozes críticas?

MITOS DA ARTE

Sim, existem. E têm nome e ideias próprias, ideias essas que cada vez mais são unânimes entre os artistas.

E são vozes - felizmente - dissonantes, que colocam o ênfase - finalmente - na beleza da arte, em vez do seu valor facial.

Avelina Lesper é uma dessas vozes, que atacam sem perdão o *status quo* que se instalou de armas e bagagens no mundo da arte, e que ela qualifica sem problema como uma máfia.

E, no entanto, não concordo a 100% com Avelina Lesper, nem com outras personalidades críticas do mundo da arte contemporânea que pululam por aí; alguns deles fazem vídeos bastante criativos e engraçados, outros não escondem a sua afeição por tendências políticas preocupantes de direita, algo que assusta um pouco e faz lembrar o sinistro conceito da arte degenerada ligado ao nazismo... - mas adiante.

MITOS DA ARTE

Ora bem, estas são as 3 razões estruturais da minha discordância - apenas parcial, diga-se de passagem - com a análise destes críticos:

. 1ª razão:

A óbvia e inacreditável confusão entre arte moderna e arte contemporânea.

Mesmo eu, que sou adepto da não catalogação cronológica da arte, não posso fugir a este argumento de peso.

As opiniões variam um pouco, no entanto não fogem muito a esta ideia:

. Arte moderna - entre 1880 e 1960;

. Arte contemporânea - entre 1960 até pelo menos 2000.

Avelina e os restantes metem tudo no mesmo saco; quando falam de uma coisa pensando falar disso mesmo, estão

factualmente a errar e a mencionar uma outra situação - artística e histórica.

Em arte - como em tudo - isso está errado e o erro factual não é nem nunca será uma boa base para uma qualquer metodologia de análise. Em nenhuma área do conhecimento.

. 2ª razão:

A crítica generalizada ao que pode ser entendido como manifestações da arte conceptual.

Antoni Tàpies é bastante claro neste aspecto; ele critica apenas parcelas da arte conceptual, e algumas das suas obras podem mesmo ser consideradas como pertencendo ao conceptual, um movimento tão influente quão polémico.

Uma das suas emblemáticas críticas: “O conceptual apresenta-se-nos com um lírio de pureza anti- comercial na mão e com a ideia da desmaterialização da arte, quando todos sabemos que em todo o

lado a arte conceptual é comprada vendida como batatas”.

. 3ª razão:

Avelina e outros críticos não englobam movimentos fulcrais na sua análise - arte pobre, minimalismo, expressionismo, poesia visual, o abstracto mais radical, etc - dedicando-se a uma cândida noção do que é ou não estético - mas a arte muitas vezes contraria esta análise tão simplista e a estética pura.

Basta recordar o livro de Tâpies “A arte contra a estética” e a frase reveladora deste mestre das artes visuais *tout court*:

“Uma atitude totalmente irracional pode ser válida em arte”.

Obras fundamentais como as de Duchamp, Basquiat, Kiefer, Dubuffet, Ensor, Kokoshka e muitos outros

artistas ficariam sempre de fora desta análise simplista de Lesper e seus apaniguados - exactamente porque não são esteticamente belas.

Resumindo e concluindo:

Em artes plásticas vale a pena ter uma opinião própria, profunda e bem fundamentada, para não cair em certos contos do vigário, que se insinuam, bem camuflados sob a capa da democracia plena.

Não me parece que seja esse o caso de Avelina Lesper - creio que ela é uma pessoa séria; já quanto aos outros todos que apanharam a sua boleia de crítica desenfreada e genérica, tenho sérias dúvidas das suas verdadeiras intenções.

Mais do que o algodão, o que não engana mesmo é o instinto humano...

TODOS OS NOMES DE TODOS OS LOBBIES

Existem na arte contemporânea lobbies para todos os gostos:

- . O lobby da land art.
- . O lobby da food art e talvez mesmo o da fast- food art.
- . O lobby da fotografia e da arquitectura.
- . O lobby da arte conceptual.
- . O lobby do minimalismo, umbilicalmente ligado ao lobby dos designers.
- . O lobby da op art e da pop art.
- . O lobby da performance e o lobby da instalação.
- . O lobby da street art, que agora está na moda e que domina muito mais do que apenas a *street*.
- . O lobby da crítica especializada.

MITOS DA ARTE

- . O lobby da arte- ao- fim- de- semana.
- . O lobby da arte feita por animais (elefantes, chimpanzês, escaravelhos e quejandos).
- . O lobby da arte feita por máquinas.
- . O lobby da arte digital.
- . O lobby ligado à música e também o lobby ligado ao cinema.
- . O lobby dos amigos.
- . O lobby d' eles.
- . O lobby d' elas.
- . O lobby de todos os lobbies.
- . O lobby do raio que o parta.
- . O lobby de tudo e mais alguma coisa.
- . O lobby de todos fora nada.
- . O lobby de tudo o que é vendável.
- . O lobby dos artistas consagrados.
- . O lobby dos artistas invisíveis - que ainda não é bem um lobby mas lá que tenta, tenta!

MITOS DA ARTE

Alguém uma vez disse mais ao menos isto: uma pessoa um pouco pateta é uma pessoa um pouco pateta; cem mil pessoas um pouco patetas é um partido político.

E quem tenha estudado o fenómeno dos grupos em sociologia entende tudo isto muitíssimo bem: há um efeito de transmissão exponencial de ideias e acções através deste *novo* poder colectivo.

Querer comparar por exemplo Vieira da Silva a Cargaleiro não faz sentido.

Ou Robert Delaunay a Sofia Areal.

Ou Jackson Pollock a Vítor Pomar.

E não faz sentido porque nos falta o único lobby que faria sentido existir, mas que está órfão de mãe e pai também:

- O lobby da qualidade...

A VERDADE DA MENTIRA

Bom, o assunto é sério e o assunto é vasto. Vamos por partes: as leiloeiras têm o negócio de sonho: revendem bens com uma taxa de inflacção inacreditável, num mercado ávido por obras de arte moderna e contemporânea. São intermediários que enriquecem com comissões generosas, e ainda por cima hoje em dia a cada novo leilão todos os anteriores recordes são pulverizados. Portanto, 10% de 100 milhões é bem melhor que 20% de 1 milhão - matemática simples, verbo fácil de conjugar.

E estas pessoas têm gostos caros, ok, mas são seres simples, muito muito simples.

Mas, o problema começa aqui mesmo: se criaram procura - ou melhor, se essa procura já existe e é espicaçada por um esquema de marketing muito

MITOS DA ARTE

competente - têm de assegurar a mercadoria nas prateleiras no momento seguinte; ou seja, há que encontrar suficientes telas dos autores certos de pessoas que queiram vender pelo preço mais alto possível.

Falar a linguagem do dinheiro dá muito jeito nestes meandros: perde-se menos tempo assim. Onde se vende em hasta pública arte, quem a fez - o artista - está claramente a mais. Estes Tempo\$ não são para lirismos. Nada de Vieira da Silva; tudo de Trump.

Este mercado é milionário, sim, mas baseia-se - como tudo nesta vida - na relação procura/ oferta. E a oferta por vezes é escassa, para tanta procura de *yuppies* recém- chegados ao mundo da arte em busca da promoção social e estatuto que pinturas de autores célebres proporcionam no imediato. E isso - muita procura e relativamente pouca oferta - vai fazer subir os preços em flecha, como é óbvio. Mais uma vez eu digo: o negócio de sonho.

Vamos agora ver a questão de um outro ponto de vista - o ponto de vista das falsificações, um assunto bastante controverso e espinhoso.

Dizia um destes dias um falsificador muito famoso - um dos poucos que foram realmente apanhados em flagrante - em entrevista ao 60 Minutos que, olhando para os mais importantes museus - MUSEUS! Não galerias, museus, pasme-se... - via muitas das suas falsificações lá expostas, como sendo originais, claro está. E sentia orgulho, como um pai babado. E se calhar tinha razão para esse orgulho. E mais não falava porque claramente sabia muito do que dizia - sabia demais. E quem sabe demais mais cedo ou mais tarde acaba mal.

Ele - apenas ele, mas provavelmente existem muitos como ele - introduziu centenas de obras no mercado utilizando artificios e uma narrativa irresistível que incluiu fotografias falsificadas, uma história familiar totalmente inventada e

poética, as tintas certas, as telas do período temporal certo compradas em feiras de arte e toda uma *mise en scène* que era difícil de não acreditar e até fácil de gostar. Foi apanhado porque, como ele próprio diz: “Usei a tinta errada”. Isso e apenas isso.

Neste momento no mercado americano os especialistas de arte contemporânea recusam-se - ouviram bem, RECUSAM-SE - a autenticar obras de Jackson Pollock.

Porquê?

Ora, é fácil de entender: porque os compradores não são totalmente desprovidos de conhecimentos artísticos e quando compreendem que compraram gato por lebre dirigem-se, não à galeria onde adquiriram o Klee ou Miró ou Ernst por centenas de milhar de dólares - ou milhões, mas ali ao lado ao Tribunal e processam o dono da galeria por lhes ter vendido uma falsificação.

MITOS DA ARTE

E o dono da galeria depois pede provavelmente explicações a quem lhe autenticou aquela obra e *voilà* - estão os dois metidos em sarilhos!

Ora, como quem autentica sabe onde o rio vai desaguar, prefere... evitar a praia!

É mais ao menos isto, o que se passa, actualmente.

Pois bem, vamos então juntar as duas coisas: a gigantesca procura de telas por parte de endinheirados pouco conhecedores de arte e a indústria que vive à custa da venda de obras de artistas famosos.

Eu serei breve, curto e grosso como dizem os nossos amigos brasileiros:

Acho curioso que leiloeiros experientes, galeristas a sério e curadores de museu não pressintam, no fundo, que por vezes aquilo que têm diante de si são obras de características algo diversas das obras consideradas originais. Muitas vezes não

têm provas suficientes, tudo bem, mas lá no seu íntimo devem pelo menos desconfiar - porque um verdadeiro especialista de certeza tem essa intuição, mesmo que não o consiga provar.

E eu refiro este aspecto por uma única razão: parece-me bem - por alguns indícios de análise puramente sociológica, digamos assim - que o mercado está completamente inundado deste tipo de imitações - umas mais dissimuladas e perfeitinhas que as outras, mas ainda assim todas elas falsas como Judas e os seus malditos 30 dinheiros.

E eu aqui não estou a falar dos métodos tradicionais de despiste de falsificações, estilo análise da assinatura ou análise do tipo de tinta ou raio X ou ultra violeta ou o raio que o valha.

Estou a falar do olho humano, treinado, experimentado, ligado directamente a um coração, um cérebro e um corpo,

pleno de sensibilidade e que já viu centenas de obras de um artista e que portanto sabe de A a Z tudo sobre o seu estilo de pintar, desde a temática à técnica, da forma à cor, da textura à geometria, do formato ao desenho, etc etc etc.

Talvez eu seja desconfiado, pouco crente no ser humano, eu posso bem com essas críticas, dessas venham mais cinco.

Como artista visual que sou, em alguns autores específicos não é assim tão complexo (sei bem que é uma afirmação dada à controvérsia, mas é o que sinto) separar as águas, entre uma obra genuína e uma reinterpretação por outro autor. É claro que existem imitações mais perfeitas que outras - reconheço que sim. Tudo é relativo, obviamente.

Mas é aqui que entra o diabo, travestido de notas de dólar bem verdinhas.

Estas pessoas das leiloeiras que são pagas para dar espectáculo fácil, já calendarizado e com uma estrutura

MITOS DA ARTE

enorme e cara - e que muitas vezes entendem bem mais daquilo que vendem, do que os outros que compram - sabem bem que tudo isto é um castelo de cartas. Tanto a nível da inflacção galopante de autores desconhecidos que alguns promoveram a heróis da arte por arte\$ mágica\$, como a nível de problemas jurídicos que as imitações podem provocar num futuro bem próximo.

A credibilidade do negócio está por um fio.

Os museus também já entraram na *dança*, e hoje há uma parceria pouco escondida entre o que fazem as galerias e o que fazem os museus:

1. Milionários e estrelas globais compram e inflacionam e revendem com lucro;
2. Galerias valorizam;

3. Finalmente os museus compram e em princípio acaba-se o ciclo de vida útil dessa obra de arte.

As pessoas ou são as mesmas de instituição para instituição ou conhecem-se bem - muito bem - umas às outras. Como dizem os nossos amigos brasileiros: é a dança das cadeiras...

Tudo isto num sistema egocêntrico e autofágico e petulante e que exhibe sinais preocupantes de ares de superioridade.

O que eu estou a analisar é sobretudo o sistema da arte nos EUA, mas se encontrarem semelhanças com a realidade portuguesa, podem generalizar, sem medo de grande margem de erro, já que não se trata com certeza de pura coincidência.

Eu não sei o que vai acontecer a médio prazo, mas cheira-me que isto não vai acabar nada bem...

Bolha da arte - Hellooo???

ARTISTA DOBRE, ARTISTA

SNOB E ARTISTA FLOP

Vamos então a uma definição global das várias categorias de artistas que existem:

Em primeiro lugar na lista, mas na zona mais baixa desta classificação, está o artista pobre. Este espécime esforça-se tanto na melhoria da qualidade da sua obra como se esforça pouco na promoção social que a sua condição de artista pressupõe. Vai fazer arte como hobby durante toda a sua vida. Paixão? - imensa; dinheiro? - nenhum.

Os artistas expressionistas estão quase todos nesta fase. Homens essenciais como Jean Dubuffet, e a sua arte bruta, plena de loucos e crianças excepcionalmente dotadas mas com pouco talento ou paciência para o marketing. Expõem em cafés, restaurantes e galerias municipais e

nunca passarão da cepa torta, sem que as grandes galerias ou críticos de arte sequer saibam da sua existência. Aquilo a que podem aspirar é a um reconhecimento após a sua morte física, fenómeno frequente e tão do agrado dos inúmeros seres que vivem à custa da revenda do trabalho dos outros, sem contudo compreender a sua alma.

O melhor exemplo deste género de artista é, como é bem conhecido da opinião pública, Vincent Van Gogh.

Já o artista snob, pelo contrário, aprecia conviver com a fauna que gravita à volta das galerias de renome da praça. Sabe fazer-se notar, conhece as pessoas certas, passou pelas escolas certas e tem os conhecimentos pessoais que interessam à sua ascensão - que se prevê meteórica - no mundo restrito da arte. A nível técnico costuma usar os materiais mais caros e preocupa-o a conservação das suas obras.

MITOS DA ARTE

Não precisa de ser um gênio criativo - aliás isso só atrapalha. Tem tanto de vendedor astuto como de relações públicas, eternamente feliz no seu *métier* de auto-promoção e de exposição pública.

Estão nesta cesta os casos de Jeff Koons, Damien Hirst e muitos, muitos outros, que fazem da arte contemporânea um trampolim económico e social.

Quanto ao artista flop, é apenas um artista snob que venceu na vida e que, pelo seu exemplo altamente negativo, representa um perigo, no que à influência sobre as novas gerações de artistas diz respeito. Normalmente tenta replicar os grandes e famosos ateliers dos mestres da pintura do passado, que por sua vez já replicavam o funcionamento das artes e ofícios da Idade Média.

Muitas vezes despreocupados com a valia qualitativa da arte que produzem, estão, isso sim, muito preocupados com

a visibilidade do seu estúdio nos media e nos meios artísticos e com a cotação que as suas obras podem ter no mercado. Muitos discípulos e assistentes representam muita dessa importância que se quer fazer notar a todo o custo.

Claro que estou a falar do estranhamente endeusado Andy Warhol, cuja lendária Factory é hoje em dia o denominador comum de muito boa gente no mundo das artes plásticas.

Conclusão mais que óbvia: o talento artístico, a qualidade intrínseca da obra, estão a mais nesta equação, e uma eventual forte personalidade do artista poderá ser ainda mais nociva, afastando para sempre as personagens dúbias que poderiam de outro modo ser aliados na promoção de um artista e sua arte.

A arte contemporânea não é um mercado justo ou racional. Move-se por interesses muito específicos, entre os quais o omnipresente lucro máximo. Lançar um

MITOS DA ARTE

novo artista no jogo é algo que se faz com grande antecedência e taticismo, por parte de um galerista ou agente que raramente está interessado na vertente romântica do artista e sua arte; interessando-lhe antes o conjunto de telas passível de render bom lucro: não liga ao conteúdo, antes ao valor monetário da forma.

Com jeito vai... o mundo da arte.

O LEILOEIRO DE CARA À BANDA

Pois é. Ah, pois é.

As leiloeiras e as galerias de renome e os marchands e - como diria Sérgio Conceição - “As toupeiras e essa bicharada toda” estavam a dormir no pedaço, parafraseando os nossos irmãos brasileiros.

Puseram-se mesmo a jeito e fizeram por merecer esta bofetada de luva branca e já agora, de colarinho branco também.

A uma histórica e atávica falta de corporativismo da classe artística - em que cada um puxa para o seu próprio umbigo e em que subclasses como os actores, músicos e humoristas levam a palma da popularidade e da atenção mediática, um artista plástico chamou a si a tarefa de ridicularizar a faceta negócio e a faceta mercado, nesta tão nobre actividade criativa.

Fê-lo com um *hara-kiri* genial, destruindo a sua obra perante os olhos incrédulos de quem, não só não estava à espera daquilo, como não percebia patavina do que raio significava o que estava a acontecer diante dos seus rostos.

Ora, o negócio e o mercado reagiram da única e completamente básica maneira que sabem: perante o inesperado, não pedem explicações ao artista, pois isso seria perder tempo - inflacionam imediatamente o preço da obra, ou o seu valor, o que vai a dar no mesmo, pois isso é a única coisa que sabem fazer: a única linguagem que entendem é a do cifrão.

. Será este o mais mediático e espectacular golpe que um artista visual aplica no mercado, de forma visível e directa? - Sim, provavelmente será.

. Mas... será exemplo único? - Nem por sombras.

MITOS DA ARTE

Para só recordar o óbvio, a arte conceptual defende que a arte é ideia, e só deverá existir em pensamento, e talvez por isso mesmo muitas das suas acções são apenas fotografadas e são esses registos fotográficos que são no final comercializados, para ajudar a financiar obras futuras desse(s) artista(s).

Indo um pouco mais longe nesta sucinta análise, a arte efémera existe apenas por um breve período de tempo, e os seus produtos são muitas vezes destruídos.

Já o happening é um movimento artístico que defende uma visão teatral da arte e leva a cabo performances - novamente a ideia em si é mais forte e importante do que cristalizar essa ideia num objecto físico.

Portanto, esta acção de Banksy situa-se muito provavelmente na intersecção destas vertentes mais radicais da arte - mas que existem e se têm desenvolvido desde os anos 60 (ou mesmo antes, se considerarmos os exemplos de Duchamp

ou Malévich uma origem histórica da atitude conceptual).

Pessoalmente, considero que a obra de arte mais próxima desta acção de sabotagem é mesmo o “Desenho apagado de De Kooning”, levado a cabo pelo então jovem Robert Rauschenberg. Este artista pediu um desenho ao artista já consagrado de Kooning, que tinha criado a influente série Women, que mesclava magistralmente o figurativo e o abstracto, e disse-lhe que queria apagar o seu desenho. De Kooning deve ter achado piada à ideia e Rauschenberg esteve a apagar durante dias - Dias! - este desenho, que foi depois apresentado em público e é hoje encarado como um marco da arte mais inovadora daquela época, tendo ficado com um lugar especial na história da arte contemporânea.

Para um exemplo mais recente, o controverso Ai Weiwei pintou e esmagou

MITOS DA ARTE

vasos chineses de uma antiguidade incrível, para obter um efeito mediático semelhante. Estas são acções que são obras de arte em si mesmas - é a atitude, o pensamento, a ideia, o essencial.

Agora, o problema mantém-se: o artista enquanto exemplo, enquanto “ilha de liberdade” - segundo Tàpies ou Saramago - está a ser completamente submergido pelos intermediários da arte - sejam eles agentes oportunos e ambiciosos como Saatchi, galeristas já estabelecidos com negócios de milhões, e toda a gente, sem excepção, vive desta inflacção galopante neste mercado, tentando puxar a brasa à sua sardinha de um modo descarado.

O problema não é a atitude de Banksy; o problema não é apenas um - são no fundo dois problemas:

MITOS DA ARTE

1. O sistema instituído de valorização de obras de arte não fazer qualquer sentido (museus incluídos, pois fazem o mesmíssimo jogo dos demais, legitimando coisas incríveis)

2. E sobretudo - não haver mais, muitos mais Banksys

Portanto: volta, Joseph Beuys, que estás completamente perdoado...

PICASSO, GÊNIO AUSENTE

Gostei muito, mesmo muito da série sobre um outro gênio: Einstein - talvez porque essa série se focou mais na obra e menos nas mundanidades deste cientista.

Esta série sobre um outro gigante, Esta, é diferente:

Há um rodopio interminável de personagens, cada qual com a sua quota de tempo de antena - mereçam ou não esse tempo de antena...

Kahnweiler, Apollinaire, Max Jacob, Braque, Gertrude Stein, todas as inúmeras mulheres e amantes da vida de Picasso, empregados, motoristas, marchands, artistas adjacentes, que são meras personagens secundárias - uma fogueira de vaidades inacreditável!

Ou seja, aquilo já vai no 8º episódio e o mestre a pintar ou a desenhar ou a

MITOS DA ARTE

esculpir, isso esta série foge como o Diabo da cruz...!

A verdadeira razão pela qual este ser humano mereceu uma série como esta, em nome próprio, como o artista plástico mais influente do século XX, disso nem traço nem rasto.

Perguntas aparentemente incômodas como estas:

. Por que é Picasso importante? - Não se sabe.

. Por que é que a escultura, a pintura, a gravura e a olaria foram praticamente reinventadas por este artista? - Mistério.

. O que é o Cubismo? E como se distingue da regra da perspectiva? - Venham outros explicar.

. Em que se baseia a amizade e concorrência salutar entre Matisse e Picasso? - Leves pinceladas em um ou outro episódio.

. Como se estruturava a academia oficial de pintura e como o Impressionismo implodiu esse sistema? - Nada, ou muito pouco.

Mas... há pontos positivos?

Bem... sim, alguns:

. A estrutura narrativa, plena de *flashbacks*, parece apropriada;

. O actor que faz de jovem Picasso é bom, está a anos-luz do genuinamente incompetente Banderas, que meteu uma fatiota e alguém lhe deu aquele jeito ao cabelo e repete a mesma fórmula até à exaustão. Aquilo não é um actor a fazer de uma figura histórica; é antes um personagem que se diz actor a tentar imitar aquilo que ele pensa ser a figura histórica. Estudo dos trejeitos, alguma coisa; compreensão profunda da figura, zero de zero de um ZERO absolutamente total!

Talvez o grande problema resida nisto: eu, como artista plástico que sou, sei bastante da personagem Picasso, da sua vida e obra.

E talvez seja por essa razão pela qual eu tenha gostado da série de Einstein, exactamente por essa falta de conhecimento que quer ser surpreendida a cada novo episódio.

Ora, isto já não resulta quando eu conheço bastante bem o artista - o que é o caso.

Curiosamente - e isto é um facto, não uma mera opinião - os actores do estado adulto dos retratados - o hipervalorizado Geoffrey Rush em Einstein e o *bon vivant* Antonio Banderas como Picasso - são nesta série absolutos canastrões, sendo que actores muito mais novos e certamente menos experientes dão um bailinho da Madeira a estes figurões, na versão mais jovem dos dois génios.

MITOS DA ARTE

Porque a arte de representação ainda é o que era - precisa portanto de bons actores.

Banderas é a ausência em pessoa - Picasso nunca está lá, a respirar no mesmo espaço.

E o verdadeiro artista revolucionário, o porquê de ele ter sido genial, é mais uma ausência de peso nesta série.

É o problema de se apostar na vida social para se explicar arte: o importante não são as aparências - é mesmo a Alma e a sua ESSÊNCIA...

MUDAR A MODA

Em princípio, em teoria, nada tenho contra as modas.

Mas, na prática, analiso bem e vejo que há todo um universo de razões para temer essas mesmas modas.

Vou citar algumas que aconteceram - mais ou menos recentemente - no mundo da arte:

- Impressionismo, que foi a princípio gozado por todos: público, críticos, galeristas, etc etc etc e que depois, passada a tempestade de indiferença e escárnio, foi preparado cautelosamente por alguns marchands para ser uma nova - e muito lucrativa - moda;

- Pop Art, um dos movimentos artísticos mais amados e também mais básicos de que há memória, algo que realmente só poderia ter sido criado na América, com

um fútil e gozão Andy Warhol ao leme da charanga;

- Graffiti, impulsionado pela cultura do hip hop, por todo o contexto do sistema social norte- americano e por essa *criança índigo* chamada Jean- Michel Basquiat;

- Todas as tendências da Arte Conceptual: minimalismo, land art e o seu registo fotográfico, abstracto radical, instalação, performance, arte pobre etc etc etc;

- E, agora, no seguimento do graffiti e aproveitando todo um enorme conjunto de técnicas inovadoras, desde rebentar paredes aos sprays e stencils, “aparece” a Street Art: nomes como Vhils e Bordalo II estão definitivamente na moda.

Sobre a razão de ser tão popular, perguntem aos patrões do imobiliário, aos operadores de turismo “cultural”, às Câmaras e Juntas de Freguesia, e a mais uns quantos que andam por aí, que não ligam grande coisa aos artistas de

cavalete e tela, mas que quando vêm a imagem em tamanho XXL ficam logo interessados (penso que têm grandes problemas de vista - pelo menos grandes carteiras essas parecem tê-las).

Breve diferença entre Graffiti e Street Art, segundo o website Street Art Brazil:

“A Street Art, uma vez que é algo mais recente, com pouca história ou regras, estilos, técnicas, geralmente não tem grupos e existe uma rivalidade menor entre os próprios artistas urbanos. Street Art, por estar mais relacionada com o desenho e a imagem, tem uma capacidade de cativar as pessoas, como parte de sua experiência do dia-a-dia. Com o Graffiti, por estar mais relacionado com a escrita e as letras, o público torna-se parte de algo mais pessoal e subversivo.”

Não rejeito nem apoio esta “definição”, registro apenas (é bastante difícil de entender o que quer isto dizer, aliás).

MITOS DA ARTE

Eu tenho sempre um receio óbvio: que as modas sejam lançadas no mercado por astutos empresários e os seus- não- muito- obscuros- gênios do marketing, e não por motivos criativos profundos.

Digo isto porque quem manda no mercado da arte são estes mesmos empresários astutos e suas equipas de advogados e malta do marketing e não os artistas- eles- próprios!

Se duvidam, visitem a Art Basel ou a ArCO, e ficarão logo esclarecidos das reais intenções destes muito badalados especuladores- da- obra- dos- outros.

É essencial referir a influência - tantas vezes perniciosa - do movimento da arte conceptual, para se compreender a evolução da arte a partir dos anos 60 do século XX até aos dias de hoje, de uma arte contemporânea totalmente desestruturada em termos de figuras-chave e esteticamente descontrolada.

Para falar sobre as limitações do conceptual, chamo agora aqui o

testemunho do *monstro sagrado* Antoni Tàpies, também para que se não pense que tudo isto são ideias apenas minhas, não partilhadas por outros artistas:

“Devido ao seu gosto por elaborar teorias, a arte conceptual tem assentado como uma luva aos estudiosos que estão habituados a trabalhar apenas com a “informação”. Tem sido o período ideal dos “ratos de biblioteca” e das mentalidades racionalistas não criativas. (...) É falso que os “conceptualistas” tenham eliminado a ideia de “objecto de arte”: praticamente todos têm feito objectos ou materializaram as suas ideias. (...) Também a ideia de que a contemplação de uma obra de arte seja uma atitude mística representa uma enorme ignorância por parte de alguns dos defensores desta forma artística.”

Mas para quê toda esta introdução?, perguntam-me.

MITOS DA ARTE

Pois bem: para falar de uma “obra” que nem é street art, nem conceptual, nem nada - porque não tem a mínima das mínimas noções de qualidade artística.

Uma obra que está visível na praia de Carcavelos graças ao marketing do canal de televisão National Geographic, acompanhada pela Câmara de Cascais, com o objectivo de promover a série “One strange rock”, apresentada pelo celebérrimo Will Smith, e que depois dessa galeria a céu aberto irá provavelmente direitinha para o “Museu” do Mar, em Cascais, não se sabe por alma de quem ou quê (ou quando, já agora).

Pelo menos é o que me pareceu ouvir, se estiver equivocado avisem!

É uma pena que o artista se tenha ficado pela ideia em si mesma e não tenha produzido uma obra de arte de valor intrínseco.

MITOS DA ARTE

Ou seja: a série chama-se rocha - então nada mais fácil do que produzir uma rocha de lixo.

Ai estamos ao pé do mar? Então o material escolhido são os detritos que se apanham no mar.

Claro que o objecto em si está limitado pela própria narrativa desta série, que acentua a poluição nos mares.

Mas, o que é que este processo mental de conexão directa entre matéria e ideia, demonstra?

No mínimo...

- Facilitismo,
- Interpretação literal, e...
- Criatividade nula!

A partir de lixo produziu um monte de lixo. Valor acrescentado? Nenhum.

Artisticamente é igual a uma batata.

"Isto" ir para um museu a seguir à estadia forçada na praia de Carcavelos, só mostra que a National Geographic quis um golpe publicitário imediato com um artista conhecido e não quer ter nada a ver com a promoção da qualidade nas artes plásticas em geral.

Entre este monte de lixo e o pedregulho apresentado num museu de Los Angeles ou a inenarrável arte invisível (??) exibida e vendida por milhões e milhões, isto representa o pior da arte conceptual, uma mistura de land art com arte pobre com instalação, sem qualquer ligação ao estilo pessoal do artista e o grande problema é que é uma fonte de gangrena que alastra e que afecta tudo o resto, desvalorizando o que artistas *a sério* produzem no dia a dia (e atenção que Bordalo II é um excelente artista, com um estilo pessoal reconhecível e reconhecido, que pessoalmente aprecio).

MITOS DA ARTE

Enfim, está nos limites dos limites do que pode ainda ser considerado arte.

Conclusão: mais uma oportunidade perdida! E mais um "Museu" que fica manchado por se associar a um golpe de marketing óbvio.

E ainda se espantam algumas pessoas do porquê a arte contemporânea ter tão má reputação?!!

Como diria o Ricardo Araújo Pereira num sketch bem apanhado dos Gato Fedorento: "- Senhor polícia, aquele restaurante enganou-me na refeição, veja este tomate que nem espaço tem para ter grainhas - vá depressa que ainda lá estão e prenda aqueles meliantes!"

STREET ARTISTS E ENTEADOS

Neste país, pequeno em território e ainda mais pequeno em mentalidade - porque pouco dado a contactos internacionais, fechado em si mesmo desde muito antes do regime de Salazar, ser artista é um problema bicudo.

Definição: Artista - o que é afinal ser artista?

Neste rectângulo docemente à beira mar plantado, ser artista é:

- um palhaço é artista;
- artista da bola - futebolista;
- artista do dinheiro dos outros, ou melhor - banqueiro, também é;
- actor e actriz;
- apresentador de TV;

MITOS DA ARTE

- modelos que se tornam: actores e atrizes, vá de entrar no barco em andamento;
- músicos que mostrem o sorriso maroto e a pernoça laroca;
- performers que mostrem também essa perna laroca e mais um par de botas, enquanto cantam e encantam;

E é tudo! Lista *finito!*

Neste país, quem é street artist, quem pinta paredes - é rei.

Um Bordallo II, um Vhils - aí é artista.

Um desenhador de banda desenhada, um arquitecto, um locutor de rádio, ah - é artista!

Já quando se fala de “pintura artística”, chegamos ao *twilight zone*, ao misterioso triângulo das Bermudas, àquele que é o verdadeiro cerne do problema.

Porquê?

Simples de entender o porque isto é assim um problema tão grande e tão bicudo:

- Um prédio pintado é arte devido à sua dimensão;
- Uma obra de Joana Vasconcelos é arte porque é tão gigantesca que tem mesmo de estar ao ar livre;
- Uma ponte coberta de tecido é arte porque é feita pelo artista- celebridade Christo e igualmente pela enorme área que cobre.

Se todos a podem enxergar ao longe - é Grande Arte!

Mas, meus amigos... não estamos aqui a falar de qualidade, mas sim de quantidade!! É apenas arte Grande!! Nada de grande Arte!

MITOS DA ARTE

Já quando chegamos à pintura de Vieira da Silva ou Mark Tobey, ou Paul Klee, ou as mini esculturas de Max Ernst, entramos na teia das questões realmente essenciais, questões eternas e eternamente não resolvidas, por responder.

“Isto” ser arte depende da cultura visual do espectador entender “isto” como arte.

E a média da cultura visual do público em geral é tão baixa que foi preciso criar esses guardiães do templo da arte chamados:

- . Críticos de arte;
- . Curadores de museus;
- . Galeristas;
- . Marchands;
- . Leiloeiros;
- . Reconhecedores de assinaturas;

- . Especialistas vários;
- . Etc, etc e tal...

Mas isto cria outros tipos de problemas, sendo que o principal é que praticamente todos eles e elas estão directamente implicados no jogo da inflacção galopante que este mercado impõe aos seus “peões” - logo, imparcialidade não impera por estas bandas...

en passant...

A mesma Vieira da Silva que alegadamente se tentou suicidar durante a sua estadia no Brasil, perante este estado de coisas actual nem tinha emigrado; mudava de profissão por aqui mesmo e estava o assunto resolvido.

Já Fernando Pessoa apenas conseguiu sobreviver ao marasmo e indiferença gerais da *Tugalândia* porque conseguiu por artes mágicas dividir a sua

personalidade em múltiplas facetas para se manter entretido com os grandes e profundos pensamentos, enquanto a sua capa de manga de alpaca tratava da “vidinha” e da espuma dos dias do seu triste tempo.

Gostaria de fazer um *aviso à navegação* aos street artists que por aí andam contentes da vida e talvez até pensem que são os artistas mais criativos cá do burgo e arredores:

- No momento em que mais esta moda passar, os vossos serviços serão tão dispensáveis como os de um varredor de rua.

E, no entretanto, a legitimação social da grande e profunda arte dos Klee deste mundo continuou a ser adiada. E para quê? Ora, essa é fácil: para que o espectáculo fácil e rápido dos performers preferidos do *mercado* possa continuar a “rockar”!!

- YEAHHHH!! Rock and Roll, Baby!!

CRIMINALIZAR A ARTE

A arte moderna(ça) devia ser torturada. Devia ser enclausurada em Guantanamo e obrigada a falar. O seu crime? Ocultar a verdadeira arte durante décadas e promover os mais altos valores do mercado das batatas.

. Arte conceptual? - culpada de distrair as atenções, disseminando banalidades.

. Arte abstracta geométrica? - culpada de atrair as atenções, sendo apenas um jogo banal.

. Arte pop? - culpada de, simplesmente, ser a banalidade em pessoa e de focar as pessoas em objectos artisticamente nulos.

Eu sei o que estão a pensar: “Sim, mas quem torturávamos primeiro? E com que método?”

MITOS DA ARTE

Ora, eu tenho um método infalível, que leva o torturado a falar a verdade em 100% dos casos, e que não foi copiado de nenhuma prisão de nenhum país do 3º mundo (ou da Europa...), tendo sido antes aprendido nessa escola do crime chamada banda desenhada: “Humpapá”!

E que método é esse?

Simple: descalçar o torturado e fazer-lhe cócegas com uma pena.

Para quê arriscar o afogamento do criminoso? Ou maltratá-lo fisicamente? Ou colocar música em altos berros durante horas?

Meus amigos, isto é senso comum! E é o que, muito naturalmente, liga umbilicalmente a arte moderna(ça) ao terrorismo internacional: meu caro Snowden/ NSA, “don’t look no further, my friend!”

Bom, mas isto são “peanuts”, comparados com o que a verdadeira arte

moderna faz e fez durante mais de um século e meio, desde pelo menos o Impressionismo: ela tem tentado alcançar, entre outras coisas, a definição estética última do ser humano.

Neste assunto tão essencial, a escultura tem também feito o seu TPC, nomeadamente com Alberto Giacometti a ser um “ponta de lança” à antiga, estilo Eusébio, mas sem descurar a discreta genialidade de um Coluna ou o mais recente Cristiano Ronaldo, com as suas arrancadas fulgurantes rumo à baliza e ao golo. Também Anselm Kiefer, Louise Bourgeois, Christian Boltansky e Germaine Richier têm marcado muitos golos à apatia reinante, através de arte excepcionalmente expressiva, sem contudo abdicar do seu aspecto mais figurativo.

O que está em jogo é uma representação humana em arte que, após o “fim da poesia” decretado por muitos tendo em conta o “facto em si mesmo” chamado Holocausto, teria de ser algo muito

diferente da figura tradicionalista apresentada pelo Renascimento e suas bases anteriores na arte europeia.

De facto, o que é a pintura da nossa Vieira da Silva senão a eterna busca de si próprio do homem? Da sua eterna finitude e labirinto da vida e do caótico presente?

E o que é “O grito” de Edward Munch, senão a estrutura expressionista do medo, que tem inspirado tantas e tantas cópias menores?

E ainda, o que é a “experiência Basquiat” senão a fugaz tentativa de apreensão das ansiedades típicas do homo sapiens?

Em resumo: a arte moderna é a captação da profundidade da alma.

(Se essa alma é humana ou não, no momento em que finalmente o soubermos, já não estaremos vivos para o contar a alguém...)

A BRUTALIDADE DA BANALIDADE

Dizem-me professores que se dizem *mui* sérios, que aprender a pintar é apenas aprender a desenhar.

E que aprender a desenhar a sério é o que se obtém pela visão directa, mais chã, da “realidade”.

E dizem-se artistas!

Pura e simplesmente porque dominam a técnica, não a alma da pintura.

A alma não está lá, voa incessante, para além do infinito.

Estas almas são calmas. E nada aprenderam com a necessidade interior de Kandinsky, esse mago da forma e da cor, tão livre como só a natureza.

E imitam talvez o impressionismo, mas apenas a sua impressão, sol nascente e nunca o poente de tal ser.

MITOS DA ARTE

Realistas, hiper- realistas, aguarelistas, chicanistas, alfarrabistas, alpistas e um pouco surrealistas e muito muito competentes.

O problema talvez esteja aí: onde se quer talento e alento ao vento sem tempo, dá-se em troca competência plena de ciência.

Algum dia alguém me vai ainda explicar o que é isso de “competência”!

Será saber desenhar sem sonhar?

Saber pintalgar sem amar?

Saber esculpir sem sentir?

Para estas almas diluentes, infames e diletantes, o abstracto é demasiado livre.

Não é como uma maçã ou uma modelo vâ: não se pode agarrar com um pincel!

Ensinar tal coisa não pode existir!

MITOS DA ARTE

Se não se vê, se não está ali diante de
nossos e vossos *mui* atentos e atônitos
olhos, se não se comprova no olhar não
se aprova a pintar!

Porquê?

Porque...

Não há tela sem capela!

Não há óleo sem colo!

Não há artista sem copista!

Não há luz se a não vejo!

Não há arte sem “aquele sítio” “naquela
parte”!

Vejo avião? - Não.

Vejo uma alma? - Também não.

Ora... se não vejo, não pinto!

Afinal de contas... É fácil marejar neste
mar!

MITOS DA ARTE

Pintar angústias dá depressão - Ah, não
não e não!

Pintar outros mundos? - demasiado
profundos.

Sonhar outra realidade? - Para quê, na
minha idade?

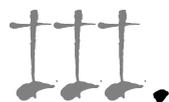
De onde sou? Em que sonho e estou?
Para onde vou?

Se me minto, sinto.

Só acordo nesse soro da verdade feito de
tintas e paixões impossíveis.

Então sou, no fundo...

A autêntica realidade.



CITAções

MITOS DA ARTE

ARTISTAS EM

DISCURSO
DIRECTO

Jean Dubuffet

Quando os ingleses inventaram os ministérios da informação, acabou a informação. Quando agora se criaram os que se ocupam com a cultura, acabou-se também a cultura.

Não existe arte sem embriaguês. Mas tem que ser uma embriaguês tão grande que faça cambalear a razão, que nos faça delirar ao mais alto grau e nos consuma na demência!

A arte é a orgia mais apaixonante que o homem tem ao seu alcance.

A linguagem parece-me uma estenografia muito tosca, um sistema de sinais algébricos muito rudimentares que, mais do que favorecer o pensamento, o deterioram.

Sou o único pintor no mundo que pinta como todo o mundo.

Antoni Tàpies

Aquele que possui o conhecimento verdadeiro não precisa de falar. Se eu o conseguisse, nem valia a pena pintar. Seria como o silêncio do Zen. Este não é o meu caso, e por isso pinto.

O aprofundar da realidade pelo artista requer um estado de angústia psíquica, de tensão espiritual que é verdadeiramente comparável ao do santo, profeta ou feiticeiro da tribo .

Emociono-me mais com um simples gatafunho ou um grafismo num muro, quando carregado de significado humano, do que todos os museus do mundo.

Não acredito que as tendências façam os artistas, mas o inverso.

A sabedoria sempre esteve mais perto da pobreza de espírito do que das sumidades intelectuais.

MITOS DA ARTE

Imagino Newton a frequentar uma escola que anunciasse: “Aqui ensina-se a descobrir a lei da gravidade universal”; como se pode ensinar o que ainda não se sabe que existe?

Felizmente, em questões artísticas os profetas excessivamente racionalistas falharam sempre.

Wassily Kandinsky

Ao abrir a porta do estúdio, vi-me diante de um quadro de beleza indescritível. O quadro não tinha tema, não descobri algum objecto identificável. Só então reconheci o que aquilo era realmente: o meu próprio quadro, posto de lado sobre o cavalete... a objectividade não era necessária na minha pintura.

Paul Klee

Da mesma maneira que a criança nos imita nos seus jogos, o pintor imita o jogo das forças que criaram e criam o mundo. A arte não expressa o visível, mas torna visível .

Piet Mondrian

Hoje, a beleza pura não só nos é necessária, como é o único meio que nos manifesta puramente a força universal que todas as coisas contêm.

Vieira da Silva

Fui fiel à pintura, mas por natureza gosto mais da música; dá-me um prazer maior.

Mas só na pintura se pode superar a falta de talento.

Donald Judd

A metade ou mais da dos melhores trabalhos novos nos últimos anos não foram nem pintura nem escultura.

Francis Bacon

Eu penso que se poderia dizer que tenho
tendência para destruir todas as minhas
boas pinturas.

O tempo é o único grande crítico de arte.

Gilbert & George

Agora conhecemos-te muito bem, ó Arte. De ti aprendemos muitos aspectos da vida. Gostaríamos muito sinceramente de te dizer, Arte, quão felizes nos sentimos por sermos teus escultores. Pensamos em ti constantemente e temos para contigo uma atitude muito sentimental.

Frida Kahlo

Eu pinto-me porque estou muitas vezes sozinha e porque sou o tema que conheço melhor.

Pablo Picasso

Dizem que sou aquele que procura qualquer coisa. Eu não procuro, encontro.

Quando se sabe exactamente o que fazer, para quê fazê-lo ainda? Se o sabemos já não tem interesse. É melhor então fazer outra coisa .

Toda a gente quer compreender a arte. Porque não tentam compreender as canções de um pássaro? Pessoas que querem explicar telas ladram normalmente para a árvore errada.

Ao contrário da música, não existem na pintura meninos prodígio. Aquilo que se crê ser uma genialidade precoce é a genialidade da infância, que desaparece com o avançar da idade.

O cubismo e a língua grega estão na mesma situação: por que razão deveria eu dar a culpa a alguém que não a mim

MITOS DA ARTE

próprio por não entender alguma coisa sobre a qual nada sei ?

Esperam de mim que lhes diga: o que é a arte? Se o soubesse não o diria a ninguém.

Na realidade trabalha-se com poucas cores. O que dá a ilusão do seu número é terem sido colocadas no seu correcto lugar.

Paul Cézanne

É preciso tratar a natureza pelo cilindro, pela esfera e pelo cone, tudo posto em perspectiva.

Marcel Duchamp

(pergunta)

- André Breton disse que você foi o homem mais inteligente do Século XX. O que é para si a inteligência?

(Marcel Duchamp)

- Era exactamente o que eu ia perguntar-lhe...

Eu sou um protótipo. Todas as gerações tiveram um.

Hans Arp

Os sonhos são mais poderosos do que as bombas atômicas.

Hundertwasser

Quando uma pessoa sonha sozinha, é apenas um sonho. Quando muitas pessoas sonham juntas, é o começo de uma nova realidade.

Jean Cocteau

Todos os dias no espelho eu vejo a morte
a trabalhar.

Luc Tuymans

Quando os quadros querem produzir efeito, devem possuir a terrível intensidade do silêncio... do silêncio antes da tempestade.

Yves Klein

Tenho por adquirido que no coração do vazio, tal como no coração do homem, há fogos que ardem. Temos de ser como o fogo puro na natureza, doce e cruel. Temos de ser capazes de nos contradizer. Só então poderemos constituir um princípio personificado e universal.

Desejo morrer e quero que possam dizer de mim: Morreu, portanto vive.”

Hugo Ball

Gadji beri bimba

Glandridi lauli lonni cadori

Gadjama bim beri glassala

Glaudridi glassala tuffm i zimbrabim

Bassa galassasa tuffm i zimbrabim...

Richard Huelsenbeck

Dada não significa nada.

Nós queremos mudar o mundo com
nada.

Max Ernst

Assisto ao meu próprio processo criativo
“como espectador”; não pinto o sonhado,
sonho pintando.

A arte nada tem a ver com o gosto; a arte
não está lá para ser degustada.

Gerhard Richter

A melhor técnica de pintura é saber quando parar.

Robert Rauschenberg

A pintura está ligada à arte e à vida.

Nenhuma delas pode ser reproduzida.

(eu tento actuar neste meio termo entre
uma e outra)

Man Ray

Eu fotografo as coisas que não desejo
pintar, as coisas que já têm uma
existência.

Francis Picabia

As nossas cabeças são redondas para
que os nossos pensamentos possam
mudar de direcção.

Vincent Van Gogh

Experimento uma terrível clareza em momentos em que a natureza é tão bela.

Perco a consciência de mim mesmo e os quadros vêm como em sonho.

É tão fácil pintar um bom quadro como encontrar um diamante ou uma pérola.

Implica transpor obstáculos, e arrisca-se a vida por isso.

James Ensor

Vi nascer, passar e morrer muitas escolas e muitos líderes efêmeros: cubistas, futuristas, expressionistas, construtivistas, orfistas, dadaístas, encaixilhistas e chicanistas, mais os pernistas e os efemistas, os arabecantes de Meca, os egipciáticos e os aglutinistas, crocodilistas, cocotistas, caramelistas, rachistas, caranguejistas e franco-espontaneístas.

É por isso mesmo que tenho de gritar a plenos pulmões: As suficiências mata-mouriscas apelam para um final arrebetamento batráquico !

Jean- Michel Basquiat

Não ouço o que os críticos de arte dizem.

Não conheço ninguém que precise de um crítico para saber o que é a arte.

Jackson Pollock

Eu quis expressar os meus sentimentos e não ilustrá-los.

A técnica é simplesmente um veículo, um meio para fazer uma afirmação.

Quando pinto possuo uma imagem ou uma noção global do que estou a fazer.

Posso controlar o fluxo de cores; não existe o caos, como não existe princípio nem fim.

Ben Nicholson

Longe de ser para o artista uma torre de marfim na qual se refugia da realidade, a abstracção levou, uma vez mais, a arte à vida quotidiana.

Clyfford Still

As exigências de comunicação não são só arrogantes, mas também irrelevantes. O observador normalmente verá o que os seus medos, esperanças e aprendizagem o ensinam a ver.

Ad Reinhardt

A arte pode ser corrigida, mas,
infelizmente, o público não.

Claes Oldenbourg

Sou a favor de uma arte que faz algo diferente de sentar o seu rabo num museu.

Barnett Newman

Sentíamos a crise moral de um mundo que era um campo de batalha, um mundo que tinha sido reduzido a cinzas pela destruição massiva.

Era simplesmente impossível continuar a pintar como antes – flores, nus reclinados, ou músicos a tocar violoncelo.

Henri Matisse

A música e as cores nada mais têm em comum do que prosseguir o mesmo caminho.

Sete notas, com ligeiras modificações, bastam para produzir as criações mais gloriosas.

Porque não haverá de ser o mesmo no caso das artes plásticas?

Um único tom não é nada em termos de cor; dois tons são um acorde, são a vida.

Kasimir Málevitch

Se se quer julgar uma obra de arte pelo virtuosismo da representação objectiva, ou seja, pela vivacidade da ilusão e se acredita descobrir o símbolo da sensibilidade inspiradora na própria representação objectiva, nunca se poderá chegar ao prazer de fundir-se com o verdadeiro conteúdo de uma obra de arte.

Salvador Dalí

Um dia ter-se-á de admitir, oficialmente, que aquilo que baptizamos com o nome de realidade, ainda é uma maior ilusão que o próprio mundo do sonho.

A África deve ter a ver qualquer coisa com a minha obra, pois, embora nunca lá tenha estado, lembro-me de muitos pormenores!

Com seis anos queria ser cozinheiro. Com sete quis ser Napoleão. E a minha ambição tem crescido desde aquela altura.

A única diferença entre mim e os surrealistas é que eu sou surrealista.

A única diferença entre mim e um louco é que eu não sou louco.

Joan Miró

Tive sempre um volume de Rimbaud na minha mesa de cabeceira e no meu atelier. Eu, que só julgo os artistas pelos que têm um halo divino e os que não o têm. Sou muito categórico neste ponto. Tudo o resto são tontarias.

Nunca sonho durante a noite, mas no meu atelier estou em pleno sonho.

É quando trabalho, quando estou acordado, que sonho.

Joseph Beuys

Não há possibilidade de revolução que não seja através da arte.

O ser humano deve voltar a relacionar-se com os animais, as plantas, a natureza e com os anjos e espíritos.

Almada Negreiros

O Dantas é um habilidoso! (...) O Dantas em génio nem chega a pólvora seca e em talento é pim- pam- pum. O Dantas nu é horroroso! O Dantas cheira mal da boca!

Morra o Dantas, morra! Pim!

Amedeo de Souza Cardoso é a primeira descoberta de Portugal na Europa do Século XX.

Asger Jorn

Estou a pintar. Subitamente depara-se-me uma cor que me excita. Começo a interessar-me por ela e esqueço a minha ideia. O quadro acabado resulta diferente daquilo que imaginara de princípio. Deixo-me guiar pelo que vai acontecendo na tela. A pintura evolui por sua própria vontade e eu reajo a isso. Por vezes sinto que está a evoluir demasiado livremente e nessa altura tenho de a fazer voltar à ordem.

É uma luta constante. É terrível pintar deste modo.

Andy Warhol

Quando as pessoas estiverem prontas,
mudarão.

Nunca o farão antes disso, e às vezes
morrem antes de o poderem fazer...

MITOS DA ARTE

SOBRE

ARTE

Harold Rosenberg

A determinada altura as telas começaram a surgir aos pintores americanos, uns a seguir aos outros, como uma arena na qual podiam actuar... o que aparecia na tela não era uma pintura mas um acontecimento.

Marshall McLuhan

Os media são mensagem.

(sobre Paul Gauguin)

A 8 de Maio de 1903 Gauguin, o opositor da igreja, pediu para chamarem o pastor. Queria receber a extrema unção, depois de ter sofrido dois ataques. Pouco depois morria.

O pastor dizia que se tinham ouvido as vozes dos nativos lamentando-se:

- Gauguin morreu! Estamos perdidos!

André Breton

Surrealismo é automatismo psíquico puro, mediante o qual nos propomos expressar, tanto verbalmente como por escrito ou outras formas, o funcionamento real do pensamento; é o ditame do pensamento na ausência de qualquer controle exercido pela razão, para além de toda a preocupação estética e moral.

Sigmund Freud

Na pintura clássica, procuro pelo inconsciente; na pintura surrealista, pelo consciente.

Michel Seuphor

Chamo de arte abstracta aquela que não contém nenhuma lembrança, nenhuma evocação da realidade visível, independentemente de a realidade ser ou não o ponto de partida do artista.

Frances Vicens

A Bauhaus era uma escola democrática no sentido mais completo da palavra. Foi por isso suprimida pelo nazismo em 1933, quando Hitler chegou ao poder. Foi a primeira escola democrática do mundo, não só por se basear no princípio da colaboração, da investigação em comum entre professores e alunos, mas porque a sua fé no progresso, numa sociedade funcional e não hierárquica (nisto consiste a democracia) prefigurava, na sua própria organização, a estrutura da sociedade democrática do futuro.

A imaginação (potencial mental de imagens) é uma necessidade da criatividade humana, e se as técnicas e as linguagens artísticas se sucedem, é porque o homem continua ávido de imagens significativas.

Guillaume Apollinaire

Adoro a arte de hoje porque adoro, mais que tudo, a luz, e todos os homens amam mais que tudo a luz: inventaram o fogo para poderem apreciá-la. Para todas as artes, o que importa é a luz, a luz incorruptível. Pintar é uma arte assombrosa, na qual a luz não tem limites.

H. Blumenberg

O *homo pictor* não é só o produtor de pinturas nas cavernas com fins mágicos para a caça, mas também o ser que mascara a falta de segurança do seu mundo com a projecção de imagens.

Isabel Calado

Contrariar a ideia de que a compreensão das imagens é algo espontâneo e, por isso mesmo, insubmisso aos processos de inteligibilidade é, por um lado, inverter a tendência da linguística (propensa a não considerar como verdadeiras linguagens aquelas formas de comunicação que se processam por analogia e que não têm dupla articulação como a linguagem visual, a gestual...) e, por outro lado, ir além do senso comum (que gosta de associar a imagem à visão mítica do mundo e por aí a torna resistente a análises racionalizantes).

Henri- Pierre Roché
(sobre Duchamp)

A sua obra mais bela é o emprego do seu tempo.

Antonin Artaud
(sobre Van Gogh)

Quando a sociedade não consegue transformar um visionário em louco, mete-o nas suas prisões.

Pierre Han

(sobre Van Gogh)

É sabido que alguns psiquiatras já vêm na personalidade esquizofrênica uma personalidade sã mas incapaz de se adaptar a uma sociedade doente: de certo modo a esquizofrenia seria um refúgio contra... a loucura social.

Camille Pissarro
(sobre Van Gogh)

Esta criatura, ou enlouquece, ou nos
deixa a todos nós muito atrás de si.

Lee Quinones
(sobre Basquiat)

O trabalho de Jean- Michel é muito anti-arte. É quase como uma maldição.

E as pessoas ainda gostam disso: adoram ser amaldiçoadas.

Klimt (para Schiele)

Porque diabo queres trocar desenhos?

Desenhas muito melhor que eu...

Sweeney (sobre Pollock)

É certo que a sua arte é feia, mas toda a arte profundamente original parece feia a princípio.

Robert Indiana
(sobre Warhol)

A morte num automóvel tal como Warhol
no-lo apresenta faz-nos gelar:

Morrer é a mesma coisa que comer.

Fc